

Tribuna da Luta Operária

ANO VI - Nº 214 - DE 29 DE ABRIL A 5 DE MAIO DE 1985

Cr\$ 1000

Adeus a Tancredo

Povo nas ruas reafirma união pela democracia

- **As maiores manifestações cívicas que o Brasil já viu. Págs. 5 e 10**
- **Militares realizam provocações contra o povo no cortejo. Pág. 5**
- **Discurso de José Sarney promete cumprimento integral do programa da transição democrática. Pág. 3**
- **Partido Comunista do Brasil emite nota sobre o falecimento. Pág. 4**
- **SNl pretende funcionar como nos velhos tempos da ditadura. Pág. 3**

EDITORIAL

Para onde vamos

Para onde vai o Brasil? Esta indagação manifestou-se numa luta surda, desde o momento em que o coração de Tancredo Neves deixou de bater, na noite do dia 21. Por um lado o povo, chorando a morte do presidente mas, ao mesmo tempo, expressando a sua firme determinação de manter erguida a bandeira de liberdade que ele encarnou ao se lançar como candidato das oposições contra o regime militar. Milhões de brasileiros saíram às ruas para prestar homenagens ao seu presidente. De outra parte os militares, que a todo momento tentaram privar o povo deste contato direto com Tancredo, batalhavam para transformar as solenidades num ritual elitista, distante do homem simples, usando inclusive a truculência para afastar a presença popular.

Já em São Paulo houve o primeiro ato deste embate. O esquife foi transportado por um carro do Corpo de Bombeiros e não um veículo das Forças Armadas. O cortejo começou às pressas, os cordões de isolamento tratavam de conter a multidão à distância. Mas aos poucos as massas foram dobrando a repressão e realizaram uma manifestação democrática, sem que ocorressem incidentes significativos. Em Brasília, predominou o espírito da ditadura. O corpo saiu num *urutu* do Exército, a grande velocidade; foram feitas provocações "plantando" a falsa notícia de que os comunistas queriam sequestrar o corpo; chegaram a usar gás lacrimogêneo contra as pessoas mais próximas ao caixão. Em Minas, quando faltou uma comunicação democrática com as massas, o desespero acabou levando à morte de quatro pessoas e ferimento de duas centenas. A intervenção de D. Risoleta, falando ao povo restaurou a calma — e o clima de liberdade que o povo exigia.

O último ato, já em São João Del Rey, contrapôs os planos de um enterro rápido, com o desejo

da família e dos trabalhadores, de reverenciar sem pressa o ilustre brasileiro, falecido de maneira tão trágica. Predominou a democracia e os moradores da cidade. Os amigos e conterrâneos de Tancredo puderam realizar em paz suas homenagens.

A Nova República vai ser marcada por esta contradição. O povo que quer mudar e os reacionários, os conservadores, em particular as Forças Armadas, que querem manter o velho e perpetuar a herança do autoritarismo. A decisão será dada pela capacidade do povo transformar a impressionante unidade, manifestada na despedida de Tancredo Neves, em mobilização e organização, neste momento para apoiar o presidente José Sarney e batalhar pelas transformações progressistas.

Este processo não será evidentemente um mar de rosas. É de se prever que apareçam turbulências. Os choques entre as duas concepções será, de qualquer forma, permanente. Os trabalhadores lamentam a morte de Tancredo mas apostam na vida, no futuro. Com a bandeira da unidade nas mãos, manterão a esperança que Tancredo encarnou neste último período. Concentrarão energia na liquidação dos restos da ditadura, tanto no terreno da legislação antipovo como no que se refere aos instrumentos voltados contra a liberdade, como o SNl, a Polícia Federal e os demais órgãos da repressão política. Farão grandes esforços no sentido de garantir a convocação e funcionamento da Assembleia Constituinte, livre e soberana. Ao mesmo tempo atuarão junto à Aliança Democrática, para manter a unidade, vencer as manifestações mesquinhas dos que só conseguem enxergar os seus interesses menores, pessoais ou de grupo, e para derrotar as concepções conservadoras que manifestam-se no seu interior. O Brasil avançará para o progresso, se o povo souber se unir e lutar por isto.



Foto Marisa Uchiyama

1º de Maio: em pauta a luta pelas 40 horas

Leia na página 6 tudo sobre as batalhas da classe operária pela redução da jornada de trabalho

10 anos da vitória do Vietnã sobre os EUA

A derrota que abalou o imperialismo ianque. P.2

Trabalhadores rurais fazem congresso no Pará

Eles querem o fim da violência no campo. P.7



CDM

Centros de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Generais golpistas vão a julgamento na Argentina
Três ex-ditadores no banco dos réus. Pág. 2



Desmandos dos generais Videla, Galtieri e Viola serão julgados nos tribunais da Argentina

Militares criminosos no banco dos réus

“Não houve erros, não houve excessos, são todos assassinos os milicos do processo”, gritavam nas ruas 70 mil argentinos no início da semana passada, quando foram para o banco dos réus os nove integrantes das sucessivas juntas militares que mandaram no país por mais de sete anos. São generais, almirantes e brigadeiros em julgamento.

Os réus são os ex-presidentes, generais Jorge Rafael Videla, Roberto Viola e Leopoldo Galtieri; ex-chefes da Marinha, almirantes Emilio Massera, Armando Lambruschini e Isaac Anaya; ex-chefes da Aeronáutica, brigadeiros Orlando Agosti, Omar Graffigna e Basilio L. Dozo. São acusados de participação direta ou colaboração em crimes, que vão do assassinato ao roubo, contra mais de 9 mil opositores.

Na ordem do dia, para o povo argentino, está o julgamento do militarismo, do papel nefasto das instituições militares ao assumirem o poder político. Trata-se de uma tragédia que se abateu sobre a América Latina: para garantir os interesses rapaces do imperialismo norte-americano e das oligarquias caboclas, os militares assaltaram o poder, investiram com rara fúria contra os patriotas e democratas, arvoraram-se em tutores de seus países. Somente na Argentina, além da crise econômica, política e social sem precedentes a que o país foi submetido, cerca de 30 mil pessoas foram mortas ou “desaparecidas” pelos militares — dentre as quais 16 brasileiros e mais de 400 crianças!

CONDENAR OS ALGOZES
A partir da derrota dos militares e da vitória de Raul Alfonsín nas eleições presidenciais, criou-se a possibilidade do julgamento dos mandantes do terrorismo. Familiares das vítimas da repressão e o povo, aglutinados nas entidades de defesa de direitos humanos — em particular as Mães da Praça de Maio — e outras organizações, deflagaram um movi-

mento para que a justiça finalmente fosse feita, com a condenação dos algozes.

Os militares, por seu turno, passaram imediatamente a ameaçar com um novo golpe de Estado. Sem condições, contudo, de barrar o julgamento de seus pares, pressionaram no sentido de que o assunto não saísse da caserna, e os assassinos passassem unicamente por um tribunal militar. O próprio general Videla, ex-ditador acusado de um sem-número de crimes, chegou a vociferar: “Um Tribunal Civil não pode exercer funções de um Tribunal Militar. Minha atividade como chefe do Exército só pode ser julgada pelo Conselho Supremo das Forças Armadas. Por isto, não designarei defensor, não oferecerei provas nem alegações. Em síntese, não participarei de nenhuma diligência processual”. Mas a manobra não deu certo. As Cortes Militares, coniventes com todos os crimes perpetrados contra a nação no passado recente, não tinham o mínimo de idoneidade perante a opinião pública para essa missão.

GOLPISMO NOS QUARTÉIS
Agora, submetidos a tribunais civis, os militares continuam pressionando. As articulações golpistas pululam nos quartéis. O presidente Alfonsín denunciou as manobras antidemocráticas pela televisão, dia 21. Chamou o povo para uma manifestação contra um novo golpe, marcada para o dia 26. Todos os partidos políticos e organizações populares, com exceção dos peronistas de direita — ligados aos golpistas

—, se comprometeram a fortalecer o ato do dia 26.

Mas os setores conservadores não abandonam seus serviços armados. Tentam descaracterizar o processo contra os chefes do regime militar. Apresentam-no como o julgamento de “pessoas”, e não de uma instituição, e não do militarismo. É claro que as instituições atuam através das pessoas. Mas o que os argentinos querem ver condenado, aniquilado, varrido da vida política, é a intromissão das Forças Armadas nos ditames do país. Querem os militares nos quartéis. E para isso sabem que é preciso barrar a ação dos criminosos, dos golpistas, punir os generais responsáveis pelos crimes.

RESPALDAR MUDANÇAS
Cientes da fragilidade da democracia argentina, os trabalhadores saem às ruas para respaldar as mudanças, as ações positivas do governo. E para pressionar por transformações mais radicais, que vão ao fundo da problemática vivida pela nação. No primeiro dia de julgamento dos membros das Juntas Militares, 50 mil pessoas realizaram passeatas em Buenos Aires, e outras 20 mil participaram de atos no interior do país. Apoiaram “o julgamento do terrorismo de Estado através do processo a seus principais responsáveis”. Denunciaram as articulações golpistas e as manobras visando “anistiar” os militares assassinos. Exigiram a libertação dos presos políticos ainda encarcerados e “a localização e devolução das crianças sequestradas a suas legítimas famílias”. E foram incisivos: “A democracia não pode suicidar-se, porque reclamam sua vigência o povo argentino para autodeterminar-se e os homens e mulheres que o formam para viver em paz e com dignidade”. (Carlos Pompe)

Morre sob tortura o principal líder marxista-leninista do Irã

O Partido do Trabalho do Irã denunciou, recentemente, “o martírio do camarada ‘Baba Pour Saadat’, primeiro secretário do PTI. O regime de Komeini assassinou a este heróico filho da classe operária, depois de submetê-lo a torturas medievais por 28 meses, no amanhecer de 2 de março de 1985”. No comunicado, o PTI esclarece que Baba foi um dos fundadores do PTI, tendo se ligado à Organização Marxista-

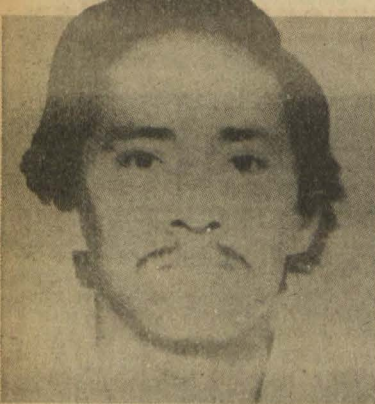
Leninista Toufan (que deu origem ao PTI) há 17 anos. Em 1970 foi preso pelo governo do Xá Reza Palevi. Saindo dos cárceres somente sete anos depois, graças ao poderoso movimento de massas que recedeu à revolução de fevereiro de 1979.

“Regressou com grande honra e orgulho a seu povo natal em Bojnourd. Ao entrar na cidade, foi carregado pelo povo”. Organizou os sindicatos na ci-

dade e encabeçou a manifestação de 1º de maio de 1981.

“Baba Pour Saadat” pertencia a uma família de trabalhadores pobres e se manteve fiel às massas trabalhadoras até o final de sua existência. Entregou sua vida, mas não os segredos do Partido. Os carneiros do governo do Irã o mataram só por ser comunista e professor de idéias marxistas-leninistas. O PTI é obrigado a atuar na mais restrita clandestinidade.

Militante comunista assassinato pelos reacionários no Equador



Manuel Guevara

Manuel David Guevara, militante do Partido Comunista Marxista-Leninista do Equador, foi assassinado no dia 6 de março pelo pistoleiro John Oreciado Rodriguez, contratado pela reação. Manuel Guevara estava liderando a luta pela readmissão de 13 companheiros demitidos da empresa Oleaginosas S.A., em Quevedo, quando foi morto com um tiro à queima-roupa. O jovem militante do PCMLE “foi sempre um vigoroso camarada, um

dirigente sindical revolucionário, firme e conseqüente com os interesses da classe operária e do povo, com a causa da revolução proletária, o socialismo e o comunismo; foi um decidido forjador da consciência política dos trabalhadores em meio à luta, construtor do Partido e valente no enfrentamento contra os opressores e exploradores”, esclarece o jornal “En Marcha”, órgão do PCMLE.

A esmagadora vitória do Vietnã sobre os EUA

Há dez anos, no dia 30 de abril, as forças da Frente Nacional de Libertação entravam na capital do Vietnã do Sul, Saigon. A televisão mostrou para todo o mundo a fuga humilhante do embaixador norte-americano, com a bandeira enrolada, apanhado por um helicóptero no teto da embaixada. As bandeiras da FNL tremularam na Saigon liberada.

Após uma heróica luta de 30 anos, o povo vietnamita expulsava os agressores estrangeiros e começava a construção de um país independente e reunificado. No final da Segunda Guerra Mundial, a luta secular pela independência do Vietnã entrava em uma fase decisiva. Em 1945 uma insurreição instituiu o primeiro governo de democracia popular na Ásia. A França, que mantinha a Indochina sob regime colonial, interveio prontamente com suas tropas. Os vietnamitas, tendo à frente Ho Chi Minh, lançaram-se à guerra de libertação e alcançaram uma vitória arrasadora em 1954, na batalha de Dien Bien Phu. Puseram fora de combate 16 mil soldados franceses, após 55 dias de luta. Na Conferência de Genebra ficou consagrada a independência do Vietnã, com a retirada das tropas estrangeiras e a convocação de eleições para a formação do governo nacional.

INTERVENÇÃO IMPERIALISTA

Provisoriamente, o país ficou dividido. Ao norte, o governo revolucionário de Ho Chi Minh. Ao sul, franceses e americanos instalaram um governo fantoche, encabeçado por Ngo Dinh Diem. Violando o acordo de Genebra, os imperialistas impediram as eleições,

OPINIÃO

Pressões dos revisionistas

Expulso o invasor, o povo vietnamita lançou-se à tarefa de reerguer seu país. Surgiu a perspectiva de construir uma sociedade socialista. Mas aí não basta o heroísmo. É fundamental a existência de um partido apetrechado da ciência marxista-leninista. O Partido do Trabalho do Vietnã revelou-se vacilante. Sem uma direção firme, o governo cedeu às pressões do social-imperialismo soviético. Atualmente o país vive a contraditória situação de ter-se destacado no cenário mundial por expulsar de suas terras os invasores, e ao mesmo tempo pela invasão do Camboja. Sem reconstruir o partido do proletariado, os trabalhadores não conseguirão prosseguir a revolução e a construção da nova sociedade.



O povo vietnamita armou-se para enfrentar o invasor

marcadas para 1956. No sul, os patriotas foram duramente perseguidos pelas autoridades títeres. Cerca de 4 mil foram assassinados e mais de 19 mil presos.

“Consolidar as zonas liberadas no norte, intensificar a resistência no sul”, foi a palavra de ordem assumida pelo povo. Enfrentando agora o imperialismo norte-americano, a jornada de libertação entrava em uma nova e árdua etapa. O envolvimento ianque no país começara em 1950, com o auxílio econômico para o Corpo Expedicionário francês. Com a divisão do Vietnã em 1954, conselheiros militares dos EUA desembarcaram no sul. As tropas de Saigon — a capital sulista —, porém, sofriram derrota após derrota para a Frente Nacional de Libertação (FNL). Logo começaram os bombardeios contra a República Democrática do Vietnã, e em 1965 os soldados norte-americanos invadiram o país.

No auge da intervenção, 600 mil soldados dos EUA lutavam no Vietnã. O napalm, terrível bomba incendiária que a tudo queimava, os desfolhantes químicos e gases venenosos, tudo foi usado contra o povo, sem conseguir dobrá-lo.

A lógica militar indicaria uma fácil vitória dos EUA. Afinal o Vietnã vinha de nove anos de guerra; era um país atrasado, predominantemente agrícola; seu exército bem menos armado que o americano. Havia, porém, um fator decisivo, que não consta das cartilhas militares burguesas: todo o povo combatia o invasor. O inimigo estava “em todo lugar e em lugar nenhum”, admitiam os próprios chefes militares ianques.

Os patriotas asiáticos lutavam pela reunificação do país, a paz e a independência. Os fantoches dos imperialistas no sul ficaram isolados. Van Thieu, que sucedeu a Dinh Diem, era tão execrado que os próprios norte-americanos retiraram-no do poder, em 1975, numa desesperada tentativa de evitar a derrota. O heroísmo dos vietnamitas na luta em cie-

fesa da pátria transcendia as fronteiras do país e granjeava o apoio irrestrito de todos os povos do mundo.

DERROTA IMPERIALISTA

Contrastando com essa imagem, as tropas dos EUA estavam perplexas, abatidas, degeneradas. Um documentário realizado por cineastas norte-americanos e exibido por diversos países, “Corações e Mentes”, mostrou os jovens soldados que sucumbiam às drogas para suportar uma experiência que os traumatizou pelo resto de suas vidas. Levados para longe de sua terra natal pela coação do alistamento obrigatório, os jovens não estavam em condições de combater um povo determinado a libertar seu país. Morreram 60 mil deles, a maioria sem saber exatamente para quê.

Esse sacrifício desumano de vidas por interesses mesquinhos de dominação acabou por criar nos EUA um vigoroso movimento contra a intervenção no Vietnã. Concentrações de até 500 mil pessoas exigiam a retirada das tropas, que acabou ocorrendo em 1973. A economia ianque, com expressiva parcela de suas atividades voltada para a indústria de guerra, estava exaurida. O governo Nixon, desgastado. Nessa conjugação dos fatores militares, econômicos e políticos se desenhou a histórica derrota da mais poderosa potência imperialista.

No dia 30 de abril de 1975 o povo das cidades se insurgiu, tomando o poder e hasteando por toda parte as bandeiras da FNL, ao mesmo tempo em que os guerrilheiros chegavam de suas bases no interior. Em Saigon — hoje chamada Ho Chi Minh — os últimos conselheiros norte-americanos e seus lacaios nativos engalfinhavam-se na disputa pelos lugares nos helicópteros do exército dos EUA. Apavorados com a vitória do povo, conscientes dos crimes que teriam de pagar, em nada lembravam a arrogância com que recusaram as inúmeras ofertas de negociações feitas pela FNL e pela República Democrática do Vietnã.

FEITO MEMORÁVEL

Passados dez anos, os povos têm todos os motivos para festejar o feito memorável dos vietnamitas. Não foram poucos os que duvidaram da possibilidade de derrotar o “maior exército do mundo”. Os povos que lutam por sua independência reconhecem o justo valor da vitória dos guerrilheiros heróicos do Sudeste da Ásia. Sabem que cada golpe assestado ao imperialismo representa um passo a mais na caminhada de todos os oprimidos. Os senhores de Washington também se lembram até hoje deste dia. E não é por outro motivo que ainda hesitam em mandar tropas à Nicarágua. Em recente discurso, Ronald Reagan recusou-se a admitir a derrota ianque no Vietnã. Mas foi obrigado a admitir que os vietnamitas não devem se envolver em expedições semelhantes.

(Silvio Queiroz)



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O “maior exército do mundo” amargou derrota acachapadora

A Nova República sem Tancredo

“Não vamos nos dispersar”. Talvez seja esta a frase de Tancredo Neves mais repetida e sublinhada, nestes dias em que o Brasil se acostuma com a idéia de que terá de construir a Nova República sem o concurso do homem eleito para encabeçá-la. A idéia ganha mais força quando Tancredo salientava que “continuaremos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma decisão”. A união pela democracia hoje se concretiza em primeiro lugar no respaldo para que José Sarney possa desempenhar integralmente o mandato como sucessor de Tancredo e cumprir até o fim o programa de transição democrática. E o novo presidente tem se mostrado digno desse apoio, como confirmou no firme discurso que dirigiu à Nação logo ao saber da triste notícia (ver, ao lado, os trechos principais).

A Nova República passava então por seu primeiro teste. A morte de Tancredo criara uma situação política delicada. Desde os angustiosos dias de agonia do presidente, detectava-se agitações nos bastidores. E elas envolviam tanto conhecidos defensores do velho regime como oportunistas ansiosos por aproveitar a brecha para ver se galgam o poder. Inclusive dentro da Aliança Democrática houve setores que se movimentaram deixando-se levar por interesses menores, em detrimento da luta maior pela democracia. Nada disso, na prática, contribuiu para a saúde da recém-nascida república democrática brasileira.

Nesse quadro o discurso de José Sarney serviu para reforçar o compromisso com as mudanças e mostrar decisão de assumir integralmente a responsabilidade que o inesperado colocou sobre seus ombros.

O próprio presidente demonstra consciência disso, quando afirma: “Serei maior do que eu mesmo neste desafio que a história me entregou”. É, de fato, o que a Nação espera: que José Sarney consolide os compromissos democráticos que assumiu ao romper com o velho regime e enfrentar a ira dos generais que, furiosos, o taxavam de “traidor”.

O discurso promete fidelidade ao legado de Tancredo Neves, realização das mudanças reclamadas. Reafirma seu compromisso com a Aliança Democrática e explicita que ela é formada tanto pelo PMDB e o PFL como “por todas as forças que, privadas da liberdade, lutaram pela liberdade”. Afirma que tomará iniciativas no sentido de reforma agrária. E determina — com maior ênfase que o próprio Tancredo, diga-se de passagem — limites de tolerância para o pagamento da dívida externa.

Logo a seguir, novamente Sarney demonstrou decisão e iniciativa, ao enviar mensagem ao Congresso Nacional comunicando oficialmente a morte de Tancredo e afirmando que “automaticamente”, cumprindo a Constituição, ele assumia de forma efetiva a Presidência da República. Graças a essa mensagem incisiva uma sessão do Congresso convocada por motivos pouco explicados até o momento, para declarar vago (?) o cargo de Presidente da República, acabou reduzindo-se a uma formalidade de dois minutos.

É hora de dar por encerrada a crise sucessória

Desta forma o povo quer ver encerrado, de uma vez por todas, o hiperconturbado processo de sucessão do general Figueiredo. E isto com um respeitável êxito do povo e da democracia: Quem esperneia e se agita na tentativa de manter a questão sucessória em aberto são precisamente os defensores impenitente da ditadura derrotada, as principais forças que se arregimentaram há um ano para derrubar a emenda Dante de Oliveira, as hostes do PDS malufista. Não por acaso é o PDS que articula neste momento a obstrução dos trabalhos do Poder Legislativo, tentando barrar as mudanças que o Brasil reclama com urgência com o pretexto, cínico e hipócrita como poucos, de que é preciso fixar primeiro a duração do mandato de Sarney e a data das eleições presidenciais diretas.

Enquanto isso o PDT e o PT, pressionados pela vigorosa mobilização das massas — que representou um inequívoco apoio à Nova República — declararam-



Sarney com Tancredo e o povo, em campanha: compromisso democrático

se pela manutenção da normalidade democrática e em defesa do mandato de José Sarney. Mas acompanham essa declaração com ressalvas de todo tipo que praticamente dão o dito por não dito. Tenham ou não consciência disso, a atuação de tais partidos vai no sentido de dificultar a unidade do povo, lançar dúvidas, espalhar a confusão, emperrar as mudanças. Fazem um jogo auxiliar do PDS e da reação.

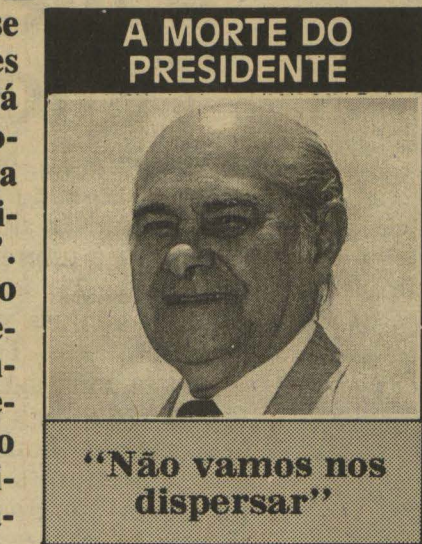
Enquacionada a questão da Presidência, surge a da equipe ministerial. Os ministros atuais decidiram pôr seus cargos à disposição do novo presidente, já que haviam sido escolhidos por Tancredo Neves. A iniciativa contudo é vista como simples formalidade, pois o próprio Sarney já anunciou que não cogita de uma reforma ministerial. Poderá haver, e não necessariamente a curto prazo, reajustamentos em áreas confiadas a delegados diretos do presidente falecido.

Não há um minuto a perder para começar a mudar

Emerge então aquilo que realmente interessa ao povo, que explica o prestígio imenso angariado por Tancredo e que é preciso atacar sem perda de um minuto sequer: as mudanças.

Durante os 37 dias da dolorosa agonia do presidente, esta questão ficou até certo ponto obscurificada pela tragédia que o país inteiro viveu com tanta intensidade. Não só o Poder Executivo, limitado pela interinidade, mas também as Casas do Congresso Nacional sofreram uma semiparalisia. As mudanças — pelo menos as grandes — ainda estão por vir.

No plano institucional, o país passa por uma situação esdrúxula. Formalmente, permanece de pé o arsenal odioso da ditadura: Lei de Segurança Nacional, Medidas de Emergência e outras “salvaguardas de defesa do Estado” acopladas à Constituição, Lei de Greve, Lei de Imprensa, partidos condenados à clandestinidade, decretos-lei e decurso de prazo e tantos outros dispositi-



vos do gênero. Enquanto na vida real, dado o quadro político que se criou, é evidente que tudo isso já não passa de velharias, cujo único lugar adequado é no museu dos horrores da finada tirania militar. Urge processar o quanto antes a prometida “limpeza do entulho”, adequando a lei à realidade.

Povo quer ver corruptos pagarem suas falcatrúas

Mesmo a Comissão Interpartidária encarregada de examinar reformas no processo eleitoral, tendo em vista a Constituinte, ainda não encerrou seus trabalhos. Em condições normais, ela teria posição de destaque na cena nacional, mas nas circunstâncias que se criaram ficou longe das atenções gerais e emperrada. Finda a interinidade, é de se esperar que as reformas nessa área deslanchem, mais ainda por estarmos já a seis meses da data prevista para a eleição direta dos prefeitos das capitais e municípios de segurança nacional.

Ainda na área política, os primeiros dias do novo governo bastaram para confirmar que o SNI continua a ter, como o descreveu Tancredo Neves em 17 de janeiro último, “um caráter policialesco, um caráter realmente profundamente vexatório e violentador das nossas tradições democráticas”. Continua na ordem do dia, portanto, a luta para extinguir essa sobrevivência do regime militar ainda incrustada na Nova República.

No front do combate à corrupção, algumas medidas já foram tomadas porém falta ainda generalizá-las e levá-las até o fim. Ainda não há plano de emergência contra a fome, nem medidas quanto à questão agrária, ou a da criação de empregos, ou a da recuperação dos salários dos trabalhadores. O problema-chave, da dívida externa, ficou congelado quando precisa com urgência de um tratamento de conjunto e patriótico. A palavra de ordem que se impõe, portanto, é arregatar as mangas e fazer as mudanças. Já.



Sarney fala à nação: “Asseguro que o legado de Tancredo Neves permanecerá vivo”.

O discurso de José Sarney

Esses são os principais trechos do discurso pronunciado pelo presidente José Sarney após a morte de Tancredo Neves:

- “Aqui estou, meus compatriotas, sob o peso de um instante que não pedi e não desejei. Tenho a consciência de minhas responsabilidades e a humilde de dizer que preciso ser ajudado por todos e a todos peço ajuda.
- “Asseguro à Nação, com todas as forças da vontade e da coragem, que o legado de Tancredo Neves permanecerá vivo.
- “Assim como não lhe faltei com a minha lealdade no período do seu calvário, saberei honrá-lo após a sua morte. E não deixarei murchar a chama de esperança que plantamos no Brasil.
- “As mudanças reclamadas serão feitas. O nosso

programa será o mesmo de Tancredo Neves. O nosso compromisso é o da Aliança Democrática, formada pelo PMDB, partido que é uma página de heroísmo, pela Frente Liberal, homens que quebraram amarras, e por todas as forças que, privadas da liberdade, lutaram pela liberdade.

• “Saberei ser o Comandante Supremo das Forças Armadas, patrióticas, mantenedoras da ordem e das instituições, bem como o condutor firme das nossas sofridas forças políticas, a que me orgulho de pertencer.

• “Realizaremos um governo de concórdia, mudanças, trabalho, moralidade e austeridade. Implacável contra a corrupção.

• “Implantaremos a reforma agrária, para instaurar a justiça no campo.

• “No setor externo, a palavra do Brasil será independente e firme.

• “A nossa tolerância terá o limite da sobrevivência digna dos trabalhadores e da empresa nacional, da retomada do desenvolvimento e do nível de emprego.

• “Vamos construir a democracia, capaz de libertar as energias criadoras da juventude e assegurar a liberdade política. O objetivo maior do nosso projeto nós o atingiremos com a realização da Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, aspiração legítima de toda a sociedade.

• “A memória de Tancredo Neves será a nossa convergência. Ela nos manterá unidos: não nos dispersaremos. Juntos tornaremos realidade os ideais do nosso grande inspirador”.

Generais fazem manobras para conservar o arbítrio

Contrariando a rotina dos generais, sempre avessos a entrevistas, o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, e o chefe do Gabinete Militar da Presidência e secretário do Conselho de Segurança Nacional, general Rubens Denys, se dirigiram voluntariamente aos gabinetes de imprensa do Palácio do Planalto no último dia 16 para conversar com os jornalistas.

Tão inusitada atitude tem um sentido. Os dois foram dar o recado das forças saudosas do velho regime, que estão dispostas a jogar tudo para que as mudanças reclamadas pelo povo não se realizem.

O chefe do Gabinete Militar da Presidência chegou a fazer provocação. Quando um repórter lhe perguntou o que muda com a Nova República, ele cinicamente respondeu: “O presidente”. Diante da insistência do jornalista acrescentou: “O papel das Forças Armadas continua o mesmo”.

MENSAGEM RETRÓGRADA

Talvez o ilustre general não goste de lembrar que hoje o Congresso não mais funciona sob o cerco das tropas do general Newton Cruz e das medidas de emergência, que o vice assume a presidência, que os Doi-Codi não podem mais torturar e assassinar democratas e patriotas, que não existem mais os municípios classificados como áreas de segurança nacional, que o povo vai votar para eleger os prefeitos das capitais e que serão realizadas eleições diretas para escolher o próximo presidente.



General Denys, saudades do velho regime

Evidentemente o general não gosta das mudanças e pretende fazer crer que tudo está como antes. Entretanto, o povo não mais aceita esta mentalidade retrógrada, característica do velho regime; não tolera que o Exército continue se intrometendo no governo e na política nacional.

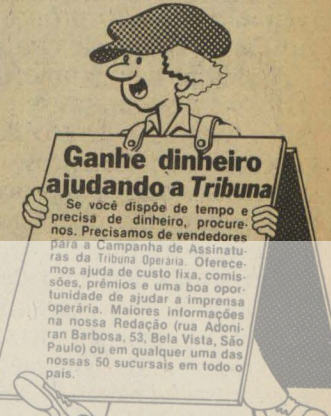
EXTINÇÃO DO SNI

O chefe do SNI não deixou por menos. Perguntado sobre o comprometimento daquele órgão com alguns escândalos escabrosos, como o da revista “O Cruzeiro” e o assassinato do jornalista Alexandre Baumgarten, tratou de desconversar com o passado”. Como se punir os crimes não fosse interesse do povo e da democracia. Mais adiante acrescentou por conta própria que “há muitas coisas que se atribuem ao SNI no passado que são deturpações de opinião”, tentando jogar rosas na podridão.

Também tirou de relação ao SNI “pode haver mudança de tônica, de ênfase, mais nada”, esquecendo que o povo exige a extinção

rápida deste órgão policialesco. Desavergonhadamente afirmou que “o SNI não se intromete na privacidade do cidadão”. Mas inadvertidamente se desmentiu ao completar: “Só se intromete quando o cidadão se comporta contra os interesses do Estado”. Não esclareceu como o SNI sabe selecionar os cidadãos bonzinhos e os pecadores sem meter o bedelho nas suas vidas.

A iniciativa dos dois generais visou, de qualquer modo, apresentar à opinião pública uma imagem reciclada das forças remanescentes do regime militar mantendo, contudo, o velho conteúdo. Em outras palavras, objetivou confundir e enganar o povo — por isso foi saudada por alguns representantes da grande capital. Estes pronunciamentos confirmam que o desenvolvimento político vai girar em torno da contradição entre os que pretendem mudar e os que se afeerram em conservar o odiado sistema anterior. E que a organização e mobilização do povo é que serão capazes de garantir as transformações.



Ganhe dinheiro ajudando a Tribuna

Se você dispõe de tempo e precisa de dinheiro, procure-nos. Precisamos de vendedores para a Campanha de Assinaturas da Tribuna Operária. Oferecemos ajuda de custo fixa, comissões, prêmios e uma boa oportunidade de ajudar a imprensa operária. Maiores informações na nossa Redação (rua Adonir Barboza, 53, Bela Vista, São Paulo) ou em qualquer uma das nossas 50 sucursais em todo o país.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Em frente ao Instituto do Coração, no momento do anúncio da morte, a frustração estampada nas faces

A esperança e a luta do povo nunca morrem

“Lá se vai nossa esperança!”. A mulher, humilde, acompanhada de uma filha de dez anos, exclama a frase e cai num choro convulsivo, enquanto assiste ao gigantesco cortejo de São Paulo. E ela está longe de ser a única. Que poderes transformaram Tancredo Neves num herói, num mártir, na esperança do povo brasileiro? E como fará o povo, agora, sem ele?

Uma parcela considerável dos brasileiros sente-se como que órfã com o desaparecimento do presidente. Esta sensação de desamparo e frustração compete com a entranhada disposição de luta que tomou conta do povo.

Um conjunto de circunstâncias se somou para atizar o desapontamento do povo: a súbita operação a poucas horas da posse; a longa e dolorosa agonia, acompanhada pelos meios de comunicação; os prognósticos otimistas sempre desmentidos por novas complicações; a figura de dona Risoleta, adotada como exemplo de dedicação e coragem; e até a data da morte — 21 de abril, dia de Tiradentes, “herói enlouquecido de esperança”, também mineiro e citado por Tancredo.

Os charlatães da “psicologia de massas” burguesa se apegam a esses fatos, criando uma caricatura a que já se chamam de “tancredismo”. Mas há fatores mais sérios e profundos na base do vertiginoso crescimento do prestígio de Tancredo.

Como um político se converte numa legenda

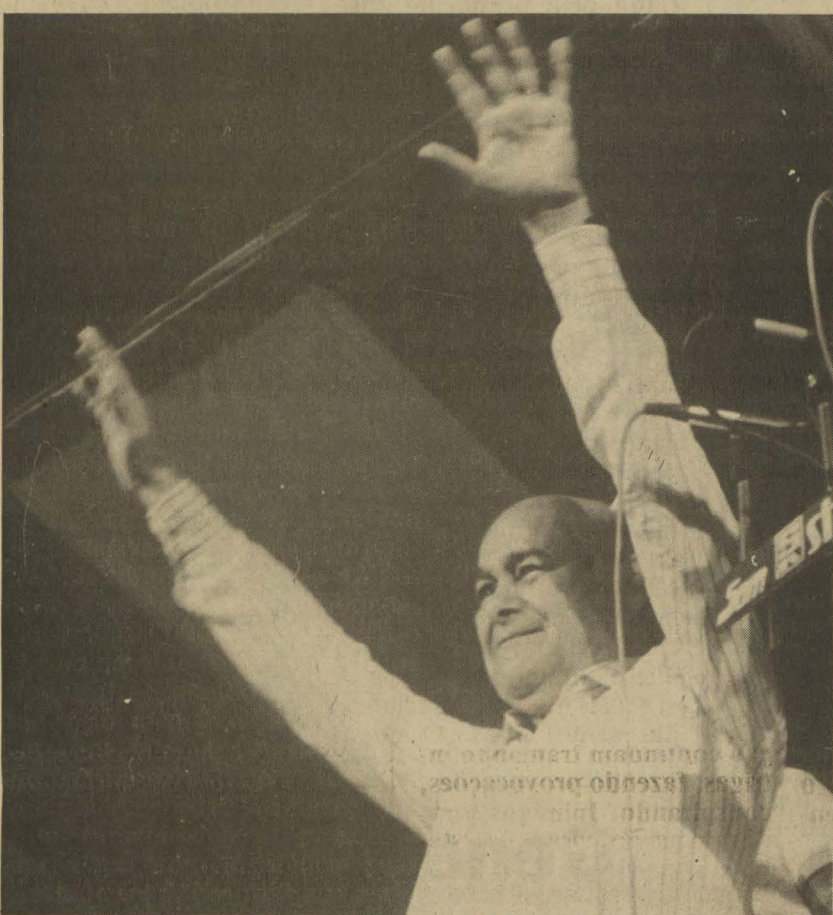
A verdade é que, não muitos meses atrás, o então governador mineiro já tinha um lugar garantido no primeiro escalão da vida política nacional, era conhecido, respeitado, sobretudo em Minas — mas nem de longe se assemelhava ao personagem gigantesco, legendário, que foi chorado por 130 milhões de brasileiros. Como se processou essa metamorfose?

O momento crucial ocorreu precisamente há 12 meses, logo após a portentosa batalha de massas pela aprovação da emenda Dante de Oliveira. Formalmente as diretas haviam sido derrotadas por não obterem os dois terços dos votos no Congresso Nacional. Contudo politicamente o grande vencedor fora o regime dos generais, que entrara em processo de rápida decomposição. Abria-se a trilha da derrota do regime dentro do próprio Colégio Eleitoral que ele criara.

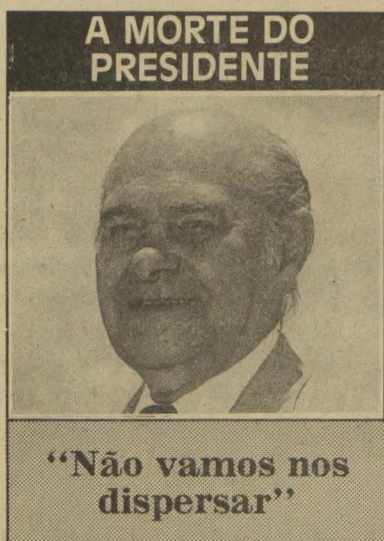
A vida provou, como estavam certos os democratas que aceitaram o combate dentro do Colégio espúrio e malcheiroso. O presidente eleito por um processo reconhecidamente ilegítimo, do ponto de vista formal, converter-se-ia no mais legítimo de todos, do ponto de vista real, ao buscar e obter o apoio do povo mobilizado para a transformação democrática do país.

Tancredo de Almeida Neves foi o nome escolhido para candidatar-se, e os fatos evidenciaram que foi uma escolha acertada.

Em primeiro lugar, estava cre-



Tancredo em comício: sensível aos reclamos do povo



A MORTE DO PRESIDENTE

“Não vamos nos dispersar”

denciado por uma longa carreira política em que nunca deixara de se opor aos golpes de força e regimes ditatoriais. Desde seus 26 anos, quando foi preso por apoiar uma greve de têxteis em São João del Rey, passando pela crise que levou ao suicídio de Getúlio Vargas, pela resistência à tentativa de golpe de 1961 e ao golpe de 1964. Foi o único político que acompanhou Jango no embarque para o exílio e votou contra a “eleição” do general Castello Branco. Ajudou a fundar o MDB e durante toda a fase da ditadura nunca frequentou as fileiras dos “adesistas”. Era, de fato, um obstinado liberal. E também um político de honestidade nunca contestada, coisa que tem seu peso num país farto de corruptos, mordomias, “caixinhas” e escândalos.

Em segundo lugar, Tancredo credenciava-se por sua sensibilidade perante os reclamos do povo e as imposições da realidade. Se em 1983 lançou a tese do “candidato de consenso”, soube voltar atrás quando as massas se lançaram à campanha pelas diretas e admitiu que a “candidatura de consenso” estava fora de questão. O povo compreendeu essa característica e passou a apresentar com insistência suas reivindicações próprias ao candidato, buscando influir no seu programa de governo.

Por fim, a própria tendência de Tancredo Neves para a conciliação, corretamente criticada ao

longo dos anos pelas forças populares, nas circunstâncias que se criaram, acabou não predominando. Era indispensável um candidato capaz de aglutinar tanto as massas populares como também os setores que, em número crescente, se afastavam do antigo regime. E Tancredo mostrou-se capaz de consegui-lo sem com isso desfigurar ou comprometer o conteúdo oposicionista de sua candidatura.

São as grandes massas que mudarão o Brasil

Tudo isso, conjugado, fez de Tancredo Neves o homem adequado para cumprir as tarefas da transição democrática dentro da correlação de forças real que se criara no país. Foi por entendê-lo que o povo fez de Tancredo o seu candidato e o seu presidente. E o fez a tal ponto, que segmentos como o PDT de Leonel Brizola e o PT de Lula foram obrigados a manobrar rapidamente, em sua proclamada disposição de fazer oposição à Nova República a partir de 15 de março, para não serem hostilizados em suas próprias bases eleitorais.

Certamente, há também incompreensões no sentimento popular. As grandes massas, principais protagonistas das mudanças que o país vive, às vezes não se apercebem disso. Transferem para a figura de uma pessoa os poderes transformadores que na realidade pertencem a elas. E agora que esta pessoa descansa num tranquilo cemitériozinho de São João del Rey, o desencanto ronda os menos conscientes.

Porém de dentro deste mesmo povo brotam os antídotos da frustração. As próprias demonstrações destes dias evidenciam que o povo não perde a esperança, nem a disposição de continuar lutando, nem a sensação de que unido ele é forte — e, portanto, precisa continuar unido, para imprimir seu rumo à construção da Nova República que Tancredo prometeu.

“Manter a unidade é a melhor homenagem a Tancredo”, diz PC do B

A Comissão Nacional pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil distribuiu à imprensa, no último dia 21, uma nota em que deplora a morte do presidente Tancredo Neves. A mensagem, intitulada “Manter a unidade é a melhor homenagem que se prestará a Tancredo Neves”, é aqui reproduzida na íntegra:

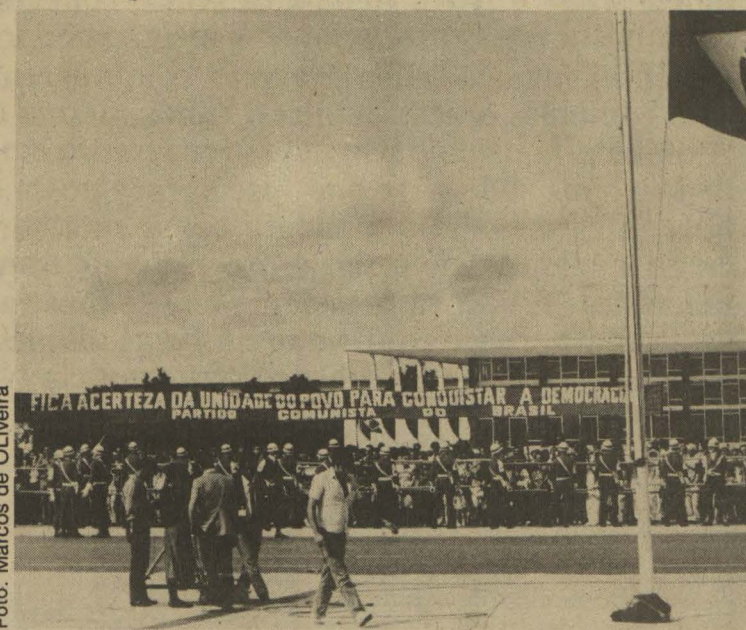
“A nação inteira deplora a morte do presidente Tancredo Neves. Ele representou na campanha pela sucessão presidencial a aspiração do povo brasileiro de pôr fim ao regime militar que durou vinte e um anos. Em torno do seu nome criou-se ampla frente oposicionista e obteve-se expressiva vitória nas eleições indiretas de 15 de janeiro.

Tancredo Neves teve larga participação na luta pela democracia no país. Toda a sua vida está marcada pela constante ação contra os regimes tirânicos. Embora democrata inclinado à conciliação, manteve-se sempre ao lado dos que combatiam a intervenção golpista dos militares em diferentes e críticos períodos da vida nacional.

Sensível aos anseios populares, no curso da campanha pelas diretas-já e nas jornadas como candidato único das oposições, Tancredo Neves pregou a liquidação do sistema arbitrário vigente, a preservação da soberania nacional, a retomada do desenvolvimento econômico, a efetivação da reforma agrária; declarou que as dívidas não poderiam ser pagas com a fome do povo, denunciou a corrupção oficializada, defendeu a necessidade de uma política destinada a debelar as consequências da crise social. Assumiu com a população das cidades e dos campos o compromisso de executar um programa de governo democrático e renovador, atendendo às exigências nacionais em favor de mudanças.

Sua morte significa, assim, grave perda para a nação que dele esperava medidas capazes de resolver, ao menos em parte, a difícil situação em que se encontra o país.

Os comunistas, associando-se aos sentimentos das massas trabalhadoras e po-



Comunistas deploram a perda e pedem união pela democracia

pulares, rendem sentida homenagem ao democrata Tancredo Neves com o qual se aliaram na campanha sucessória.

Ante o inesperado desaparecimento de Tancredo Neves, o povo brasileiro não pode nem deve cair num estado de frustração. Foi o povo o principal personagem da vitória alcançada sobre o regime militar. Foi ele que, nas vigorosas manifestações de rua, levou à derrocada o governo dos generais e a sua política repressiva e antinacional, esfomeadora das massas. Agora, tudo dependerá da mobilização e das lutas das forças democráticas e populares. O que se faz necessário é consolidar a vitória e avançar na realização de uma política em consonância com a vontade da maioria da nação.

O fator principal do êxito alcançado com Tancredo Neves à frente foi a unidade de consideráveis forças políticas. Essa união, antes imperiosa, torna-se hoje, face à grave situação do Brasil, imprescindível, essencial. Os interesses da democracia, da liberdade, da marcha para diante, assim o exigem. Tal unidade materializa-se tendo por centro o apoio ao vice-presidente José Sarney que passa a ocupar, em definitivo, a Presidência da República a fim de cumprir o mandato para o qual foi eleito juntamente com Tancredo Neves. Ela não exclui mas pressupõe reajustamentos indispensáveis para dar objetividade a uma política efetivamente democrática. Ainda que José Sarney te-

nha provindo das hostes pedessistas e desempenhado o cargo de dirigente principal do PDS por longo período, sua contribuição política ao romper com o regime militar e integrar as forças da oposição foi de enorme importância. A partir daí, assumiu com a nação os mesmos compromissos que Tancredo Neves e, no exercício da função que lhe coube com o impedimento do presidente eleito, manifestou repetidas vezes a intenção de cumprilos rigorosamente.

Nada poderia ser pior, atualmente, do que a dispersão movida por interesses subalternos. Nada justificaria alterar a normalidade democrática estabelecida. Bem ao contrário. Impõe-se conjugar esforços para liquidar a legislação arbitrária, desmantelar os instrumentos abusivos contra a liberdade dos cidadãos, convocar a Assembleia Constituinte livre e soberana para 1986 e adotar providências ligadas à satisfação dos reclamos mais imediatos e sentidos da população, vítima da injusta orientação antinacional, antidemocrática e antipopular do governo anterior.

O povo brasileiro não quer a divisão, mas a união. A dispersão e as disputas mesquinhas em torno do poder, no momento presente, servirão unicamente aos adversários do avanço democrático.

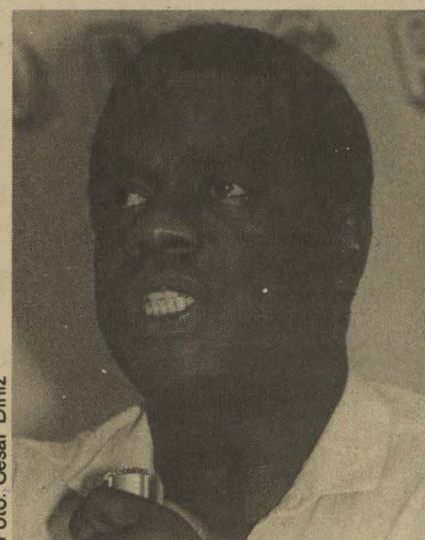
Manter e defender a unidade é a melhor homenagem que se poderá prestar a Tancredo Neves, pregoeiro da Nova República”.

Trabalhadores consternados suspendem greve

Uma profunda tristeza tomou conta da classe operária e dos trabalhadores após a notícia da morte do presidente Tancredo Neves. Como uma forma de homenagem-lhe, vários movimentos grevistas que se desenvolviam no país foram suspensos até que seja superado o clima de pesar que dominou a nação.

“Neste momento é importante mostrar que além de trabalhadores somos patriotas e que estamos irmanados com o sentimento dos brasileiros”, salientou o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, onde os operários decidiram fazer uma “pausa” na paralisação pela conquista da jornada de 40 horas de trabalho semanal. Até quarta-feira da semana passada, eles trabalharam normalmente. Na quinta, deram continuidade à greve.

Em Santo André, onde o movimento não sofreu interrupção, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos ressaltou: “Nós respeitamos a morte do dr. Tancredo. Estamos de luto e assim vamos continuar”.



Oswaldo dos Aeroviários

Também os metalúrgicos paulistas resolveram suspender temporariamente a greve marcada para terça-feira da semana passada pela conquista das 40 horas semanais de trabalho e em solidariedade aos operários do ABC e interior.

“A morte do presidente”, destacou Neleu Ramos, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, “deixou um grande vazio. Os operários têm muitas esperanças, que depositavam em Tancredo Neves. Agora, há muita expectativa, todo mundo espera pelas medidas que o Sarney vai adotar. É necessário que ele

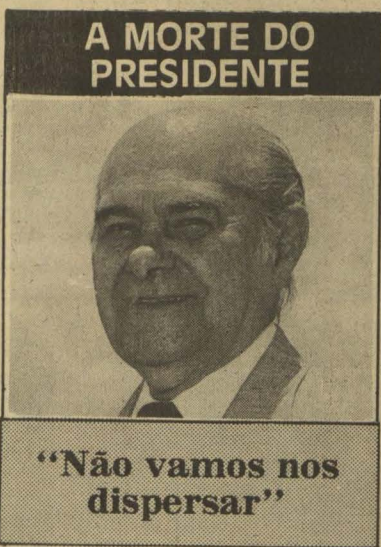
tome as iniciativas necessárias para concretizar as transformações reclamadas pelo povo, efetivando de fato a Nova República”.

Ele adiantou, ainda, que a suspensão da greve, “unicamente em homenagem a Tancredo Neves, não significa uma trégua com os patrões. A reivindicação da jornada semanal de 40 horas está na boca de todos os trabalhadores. E muitos já perguntam quando vai ocorrer a greve”. Na sexta-feira, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo fez uma nova reunião para discutir os rumos que dará à luta.

Também a greve dos aeroviários e aeronautas, prevista para o dia 23, foi suspensa em função da morte de Tancredo. “A maioria quis prestar essa homenagem ao presidente que, aliás, sabendo da situação em que vivem os trabalhadores, sempre aceitou para a necessidade de que as correntes que nos tolem sejam destruídas”, afirmou o presidente do Sindicato dos Aeroviários de São Paulo, Oswaldo Ribeiro. Atitude semelhante foi tomada pelos metroviários do Rio de Janeiro (veja mais detalhes na página 7).

Tristeza e esperança nas ruas

Nas maiores manifestações cívicas ocorridas no Distrito Federal e em Minas o povo mostrou o carinho que devotava ao presidente Tancredo Neves durante suas homenagens fúnebres. Tanto em Brasília, como em Belo Horizonte ou São João del Rey, os populares não ficaram apenas no lamento, mas mostraram que estão dispostos a consolidar a obra iniciada por Tancredo.



Militares desrespeitam a dor do povo em Brasília

O corpo do presidente Tancredo Neves permaneceu por 24 horas em Brasília, entre segunda e terça-feira. Cerca de 300 mil pessoas acompanharam a chegada do cortejo fúnebre nos 20 quilômetros que separam a Base Aérea do Palácio do Planalto. Foi a maior manifestação popular na história da Capital Federal. Nestas solenidades se evidenciou o conflito existente no seio do poder entre a mentalidade autoritária que permanece nos militares ainda presentes no governo da Nova República e a sociedade civil.

Ficou claro também de que lado está o povo que já não agüenta mais a presença dos militares insolentes, fato que se observa em todo o país. Isto é mais sentido em Brasília, onde a população conviveu no dia-a-dia com militares dos mais truculentos, como o general Newton Cruz e o coronel Lauro Rieth.

Tratando-se da questão das cerimônias fúnebres do presidente da República, o cerimonial do Palácio do Planalto acabou atribuindo papel de destaque aos militares, que praticamente assumiram a condução de toda a parte pública do processo. Não era o que o povo esperava, o que ficou claro na revolta que se disseminou, particularmente, tendo em vista o comportamento violento de algumas autoridades militares.

Para os brasilienses tratava-se de homenagear um líder civil, que se impôs exatamente por isso: por significar a possibilidade de pôr fim em definitivo ao regime militar. Enquanto o percurso previsto para o cortejo fúnebre era literalmente ocupado pelo povo de Brasília, um número enorme de militares eram distribuídos por todo o itinerário, principalmente nas proximidades do Palácio do Planalto.



O povo não se fez de rogado e cercou o veículo militar que trazia o esquife do presidente assim que esse alcançou o início do eixo rodoviário (pista que dá acesso à cidade de Brasília). Fazia questão de seguir seu grande líder, que conquistou essa condição justamente pela sua proposta civilista e pelos compromissos de mudança que assumiu durante a campanha da Aliança Democrática.

Os militares, a pretexto de não permitir o atraso do cortejo, responderam com a proposta de investir contra o povo e resgatar o blindado que conduzia o esquife presidencial. A proposta não agradou aos políticos que estavam no Planalto. O deputado Sarney Filho (PFL-MA), filho do novo presidente da República, intercedeu junto aos militares, obtendo o compromisso de que suspenderiam a operação, enquanto um grupo de deputados explicaria ao povo a necessidade de deslocar o cortejo com maior celeridade. Não foi o suficiente. Mesmo aceitando a intermediação, os militares expediram para o local cinco blindados, jipes e diversas motocicletas, que agiram com violência.

A resposta popular foi imediata. O povo lançou contra o tanque em que estava o comandante das operações grande número de latas de cerveja e refrigerantes. O militar, ao longo do itinerário, ouviu uma contínua vaia, entremeada dos xingamentos mais pesados. Em determinado momento, o blindado já andava a cerca de 80 quilômetros por hora, para fugir às repetidas demonstrações do ódio popular. Na Praça dos Três Poderes, os militares foram recebidos por uma prolongada vaia, seguida da palavra de ordem: “Tancredo era civil, abaixo o militar”.



A multidão nas avenidas de Brasília venceu a barreira militar e acercou-se do veículo blindado que conduzia o esquife de Tancredo Neves

Durante o trajeto, os órgãos de informação espalharam entre os jornalistas que acompanhavam o cortejo a falsa informação de que um grupo de 500 jovens que carregavam uma gigantesca bandeira nacional (estudantes do Colégio Agrícola de Planaltina) eram do PC do

B e queriam tomar a urna fune-rária: No retorno do esquife à Base Aérea, voltaram a ocorrer novas cenas de truculência. Tropas de pára-quedistas militares agrediram os populares que se despediam de Tancredo, jogando bombas de gás lacrimogêneo.

OPINIÃO

Intrigas da reação

Os inimigos da democracia continuam a solta. Na falta do que inventar, espalharam em Brasília o ridículo boato de que militantes do Partido Comunista do Brasil queriam sequestrar o corpo do presidente Tancredo Neves! Elementos dos serviços de informação transmitiram a calúnia aos jornalistas que cobriam o cortejo fúnebre do presidente.

Não é um trabalho novo esse, dos inimigos do povo espalharem as mais disparatadas mentiras contra os que se opuseram à ditadura mili-

tar. Antes, acusavam os comunistas de “comerem crianças”. E torturavam até crianças — filhos de comunistas — na ânsia de arrancar algum segredo do Partido. Agora, saíram com essa: os comunistas queriam roubar o corpo do presidente... Os órgãos de informação continuam tramando intrigas, fazendo provocações, conspirando. Inimigos jurados da nação, visam desestabilizar a Nova República. Impõem-se a desmantelar o SNI e outros instrumentos da polícia política. Para salvar a democracia que eles querem sequestrar.

Tragédia na homenagem a Tancredo em Minas

Uma multidão calculada em mais de um milhão de pessoas saiu às ruas de Belo Horizonte, no dia 23, para se despedir de Tancredo Neves, na maior manifestação cívica da história de Mina Gerais. Noventa e sete dias antes, a 16 de janeiro, aquele mesmo povo ocupava as ruas da capital para saudar e aclamar Tancredo, que havia deixado o Estado para virar uma das páginas mais negras do Brasil e construir a Nova República.

Os mineiros sentiam esta perda de maneira especial. Assim como para todos os brasileiros, Tancredo era o símbolo da mudança, a esperança de um futuro melhor. Mas, afi-

nal, Tancredo era da terra e muito ligado a ela, até mesmo nos costumes pessoais, na “mineirice”.

Uma massa ininterrupta de populares se perfilava, desde o final da manhã, do aeroporto da Pampulha ao Palácio da Liberdade, onde o corpo seria velado. Era muito forte a emoção que dominava a multidão. Belo Horizonte vivia uma verdadeira comoção social. Por onde o esquife do presidente passava, o povo chorava, subia nas árvores, acenava, empunhava bandeiras e lenços brancos, jogava flores, cantava e gritava em coro.

A velocidade do carro do Corpo de Bombeiros, que transportava o presidente morto, no entanto, causava uma indignação geral. Em nenhum ponto do trajeto ele andou a menos de 40 quilômetros por hora, frustrando milhares de pessoas que sequer conseguiam ver o esquife. Isso, apesar dos apelos do povo, que no início gritava: “Devagar, para o povo acompanhar”.

Enquanto isso, dezenas de bandeiras verde-amarelas e vermelha e brancas de Minas eram desfraldadas nas janelas. Uma chuva de papel picado caía por toda a parte. Fotografias de Tancredo, cartazes e tudo que pudesse lembrá-lo estavam ali no meio do povo. Toda a cidade foi coberta com faixas alusivas ao presidente; muitas delas com frases de sua própria autoria.

O conteúdo das faixas trazidas pelas entidades era unânime: a luta continua. Aliás, esta foi uma das palavras de ordem mais gritadas pelo povo. Dentro deste espírito eram algumas



faixas do PC do Brasil. Uma delas dizia: “Com Sarney e o povo na rua, a luta continua”. Uma outra afirmava: “Tancredo vive na unidade do povo”.

Era este o sentimento da multidão: tristeza de um lado, mas continuidade da esperança de outro. O cartaz de um popular dizia: “O sonho não acabou, faremos a Nova República”.

Na Praça da Liberdade a multidão se comprimia em frente às grades do Palácio, à espera do início da visitação. Era muito grande a ansiedade por ver pela última vez a imagem de Tancredo, alimentada ainda mais pela frustração decorrente da velocidade em que o carro que o conduzia tinha passado em todo o trajeto.

Ninguém segurava aquela massa. Nem mesmo o governador Hélio Garcia conseguiu ser ouvido. O povo o interrompeu aos gritos de “Tancredo, Tancredo”. A exceção ficou por conta da dona Risoleta que, com a voz trêmula de emoção, disse que “Tancredo lutou, trabalhou, viveu para que o povo tivesse dias melhores e

um condição de vida mais digna”. Porém nem os apelos de dona Risoleta foram suficientes para acalmar a multidão impaciente.

As grades do Palácio foram derrubadas e, na confusão, quatro pessoas morreram e centenas ficaram feridas, muitas em estado grave. No Pronto-Socorro João XXIII, em menos de quatro horas, foram atendidas mais de 300 pessoas, a maioria com traumatismo torácico. Por volta das 17h30 a situação já havia se normalizado e as filas de visitação estavam melhor organizadas. As sete horas da manhã de quarta-feira, o corpo foi transportado para São João del Rei.

Também em Belo Horizonte os militares mostraram os seus modos de atuação de caráter discriminatório, não condizentes com o espírito democrático da Nova República. Estranhamente, a 4ª Região Militar estava responsabilizada pelo credenciamento da imprensa e o repórter da **Tribuna Operária**, Eduardo Nunes Campos, não conseguiu se credenciar sem que lhe dessem nenhuma explicação do porquê desta atitude.

Emoção no adeus final ao presidente em S. J. del Rey

O corpo do presidente Tancredo Neves chegou a São João del Rey por volta das nove horas da quarta-feira, para a despedida final. O povo o recepcionava com faixas, palavras de ordem de esperança e até por canções folclóricas. No Bairro das Fábricas, a multidão jogava papel picado, chorava e gritava: “Viva a Nova República, viva Tancredo”. Uma faixa dos amigos da cidade de Cláudio, terra de dona Risoleta, mostrava: “Foi-se o homem, ficou a esperança”.

Diante da enorme fila que se formou para ver o corpo do presidente morto, o enterro foi adiado por algumas horas a pedido da viúva, dona Risoleta, para “todo sanjoanense poder ver o corpo do presidente”. Por este gesto simpático, as pessoas humildes ali presentes comentavam: “Dona Risoleta é das nossas”.

No funeral estavam presentes o presidente José Sarney; Ulysses Guimarães, presidente da Câmara; todos os membros do governo federal, com exce-

ção do chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes; vários governadores e dezenas de autoridades. O corpo desceu à sepultura às 22h57m, após o toque de silêncio. O presidente Sarney encerrou os discursos, reafirmando os compromissos da Aliança Democrática: “Nós saberemos honrá-los”.

Em outros Estados também houve homenagem em memória de Tancredo Neves. Em Salvador, vereadores, deputados, sindicatos, entidades de classe, estudantes e representantes do PC do B realizaram uma caminhada no dia 22 de abril, da Câmara Municipal à catedral. No Rio de Janeiro, no final da tarde de terça-feira houve uma “caminhada da esperança”, organizada pelo PMDB, com cerca de 10 mil participantes. Em Recife, cerca de 500 pessoas se reuniram na Assembleia Legislativa, com a presença de 52 entidades, onde foi aprovado um manifesto de pesar pela morte de Tancredo e de apoio a Sarney, reafirmando o programa da Aliança Democrática (das sucursais).



ESTAMOS EM GREVE PELAS 40 HORAS SEMANAIS, REAJUSTE MENSAL AUTOMÁTICO E AUMENTO REAL

Na faixa, diante da Volkswagen parada, a reivindicação dos operários do ABC: continuidade de uma luta multissecular entre capital e trabalho

As heróicas batalhas para reduzir jornada de trabalho

Uma das principais bandeiras de luta que a classe operária e os trabalhadores brasileiros levantam neste 1º de Maio é a da redução da jornada de trabalho — de 48 para 40 horas. Ganha grande importância e atualidade o conhecimento da experiência que, desde o surgimento do capitalismo os assalariados acumularam neste campo.

A própria data (1º de Maio) foi escolhida para comemorar o Dia do Trabalho em homenagem aos **mártires de Chicago** nos Estados Unidos, onde, há 99 anos, no dia 1º de maio de 1886, os trabalhadores deflagravam uma greve geral reivindicando uma jornada de 8 horas diárias de trabalho. No dia 3, uma passeata frente à fábrica Mac Cormick Harvester Corp., em Chicago, foi brutalmente dissolvida pela repressão, que deixou dezenas de mortos e feridos. No dia seguinte, na Praça Haymarket, onde iria ocorrer um comício operário, um provocador contratado pelo empresário Mac Cormick jogou uma bomba contra

os policiais, que dispararam uma chuva de balas causando a morte de centenas de pessoas. Várias lideranças - filiadas à Internacional - foram presas e mais tarde acusadas e condenadas (cinco delas à morte) como responsáveis pelo incidente.

Ao capitalista, sempre interessou aumentar a jornada de trabalho. A partir do nascimento da indústria moderna, no final do século XVIII, esta sua tendência "transformou-se num processo que se desencadeou violento como uma avalanche", disse Karl Marx.

Não obstante a existência de limitações legais, a jornada real chegou a 16 e até 18 horas de trabalho diá-

rio. Ainda em 1863, nas últimas semanas de junho, os jornais de Londres noticiaram a morte da jovem modista Mary Anne Walkley, de 20 anos, por excesso de trabalho - ela tinha ficado dias a fio embelezando vestuários luxuosos da burguesia em uma loja de modas. Um economista inglês dessa época observou: "Quando o trabalhador livre repousa um instante, a economia sórdida, do capital, que o segue com seus olhos, afirma que ele está roubando".

Na Inglaterra, foi só em junho de 1844 que os operários, organizados no movimento cartista, conquistaram a lei fabril que reduziu o trabalho de adolescentes e mulheres a 12 horas diárias. A evolução da legislação nesse campo mostra, segundo Marx, que "o estabelecimento de uma jornada normal de trabalho é o resultado de uma luta multissecu-

lar entre o capitalista e o trabalhador... de uma guerra civil de longa duração". Na França foi necessária a revolução de fevereiro de 1848 para que fosse conquistada a jornada de 12 horas.

A luta pelas 8 horas foi dirigida e organizada a nível mundial pela II Internacional fundada por Friedrich Engels. Já no seu primeiro Congresso, realizado em Paris em 1889, além de estabelecer como Dia do Trabalho o 1º de Maio, decidiu que a data deveria ser comemorada com a luta em torno das reivindicações trabalhistas e, em especial, pelas 8 horas.

Guerra civil de longa duração contra o capital

Na primeira vez em que foi celebrado, em 1990, o 1º de Maio ocorreu com greves gerais na França e na Bélgica. E com grandes manifestações na Inglaterra e outros países. Na cidade mineira de Fourmies, ao norte da França, os trabalhadores foram selvajemente reprimidos pela polícia, dez pessoas foram assassinadas.

Apesar de heróicas batalhas travadas pela classe operária, só após a I Guerra Mundial a jornada de 8 horas começou a tornar-se uma realidade generalizada (antes, situava-se de 12 a 14 horas diárias). Em 1919, pressionados pelos trabalhadores e amedrontados com a revolução russa - que estabeleceu a jornada de 8 horas -, representantes do capital firmaram em Washington um convênio internacional sobre a implantação das 8 horas. Entretanto muitos países não o ratificaram.

No Brasil, a jornada de 8 horas só foi transformada em lei em maio de 1932. Por volta de 1900, trabalhava-se cerca de 14 horas diárias em nosso país. Em 1901 os trabalhadores em pedreiras realizaram uma greve pela jornada de 10 horas; em 1903, 25 mil operários têxteis paralisaram a produção no Rio de Janeiro, reivindicando a redução da jornada para 9 horas e meia; ainda neste ano, nova greve de toda a categoria no Rio e em regiões próximas, que findou com a conquista das 9 horas e meia. Entre 1917 e 1919, um período de grandes lutas operárias, houve uma ampla campanha pela jornada de 8 horas - conquistada por muitas categorias nesse período.

Hoje, a jornada de 40 horas semanais já é realidade em muitos países. Na Alemanha, os metalúrgicos e gráficos conquistaram a jornada de 38 horas e meia, depois de uma prolongada greve em meados do ano passado. De acordo com informações da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na Áustria trabalham-se 36,1 horas por semana; no Canadá, 37,6; na Hungria, 38,2; na Itália, 38,6; na França, 38,9; em Porto Rico, 38,9; na Nova Zelândia, 39,2; nos Estados Unidos, 40,1. Mesmo na Venezuela (43,9), El Salvador (44,2) e Equador (45), a jornada legal, como se vê, é menor que no Brasil.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O novo na Nova República

As homenagens do povo brasileiro a Tancredo Neves vieram demonstrar, mais uma vez, o ímpeto que o movimento por mudanças vem adquirindo no país. Constatados com o drama do presidente, os milhões de trabalhadores que foram às ruas ao mesmo tempo ergueram o punho e gritaram seguidamente: "O povo unido jamais será vencido".

FORÇA DO POVO

Unidade e mudanças são as molas que sustentam o movimento de massas na atual situação. Os funerais de Tancredo trouxeram de novo às ruas o vigor das batalhas pelas diretas-já, o repúdio do povo aos generais, à repressão e à ditura. Embora ainda embrionária, a consciência do povo sobre a sua força e sua capacidade de promover o desenvolvimento social avança velozmente. Em São Paulo, na impressionante manifestação que marchou em passo acelerado era patente. O povo se sentia em grande parte senhor da situação, viajava qualquer movimento de contenção ou de repressão, obrigou os caminhões que levaram a PM a se afastarem porque atrapalhavam a visão, exigia liberdade.

Mas esta tendência ainda encontra dificuldades devido ao baixo nível de organização popular. Impõe-se, portanto, como tarefa de primeira ordem, para consolidar a vitória democrática contra o regime militar e avançar no sentido das transformações que o progresso da nação exige, fazer com que o sentimento progressista das massas se converta em força material. Isto se realizará na organização dos sindicatos, das entidades populares e dos partidos políticos. Em particular se dará com o fortalecimento do Partido Comunista do Brasil, que representa a classe e as idéias mais avançadas da sociedade, e que caminha para conquistar a curto prazo a sua legalização, facilitando enormemente o afluxo dos operários e trabalhadores combativos às suas fileiras.

CANAIS PRÓPRIOS

Desde os grandes comícios pelas diretas que o movimento democrático se vê em parte tolhido pela dificuldade das massas populares construírem canais próprios para se manifestar e lutar por suas idéias. No imenso crescimento das lutas, a direção burguesa ainda conseguiu, até aqui, conter a energia e a iniciativa do povo, manobrando para que, no processo de transição democrática, os interesses das classes dominantes não fossem afetados.

Hoje as massas vão tomando conhecimento deste freio. Percebem que a Nova República vive uma contradição entre os que temem as mudanças — e pretendem mantê-las sob controle — e as forças progressistas — que desejam mudar as coisas em extensão e em profundidade. Este despertar do povo é o que representa o *novo* na conjuntura que se criou. A política do proletariado neste momento apóia-se fundamentalmente neste fator, e fará todos os esforços para facilitar e ajudar o seu desenvolvimento.

PAPEL DE TANCREDO

Tancredo Neves encarnou, neste último período, a esperança de dias melhores para o Brasil. O pronunciamento dos brasileiros nas ruas, no dia da despedida final do presidente, mostrou que esta esperança não abandonou o povo. Este processo de conhecimento vai mostrar aos trabalhadores que os grandes homens não *fazem* as mudanças — eles são grandes porque interpretam, num certo momento, o sentimento do povo e, por sua atuação individual, se colocam de tal forma, adotam determinada política, que ajudam este povo a promover as mudanças. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Qual é a do Lula?

Brincando, Lula disse a um jornalista que espera derrubar Sarney no menor tempo possível. Depois, indignado, disse que era inadmissível que suas palavras fossem publicadas.

Mas sem brincadeiras, o PT defende eleições para presidente ainda este ano, assim como a convocação da Constituinte também em 1985. Isto não é exatamente trabalhar para desestabilizar, a curto prazo, o governo Sarney? O PT não afirmou diversas vezes que a escolha de Tancredo, e de Sarney, era um pacto de elites, que o povo não devia aceitar? Isto também não é um estímulo à desestabilização?

O problema é que os petistas encontram-se numa situação contraditória. Por um lado não conseguem livrar-se da estreiteza política, formulando então propostas aventureiras e desastrosas. Por outro, sofrem uma imensa pressão dos trabalhadores que, até por instinto de classe, percebem que é hora de sustentar a Nova República e trabalhar para impedir-lhe no processo de sua construção um conteúdo democrático e para conquistar as transformações progressistas de que a nação necessita. Daí Lula fala brincando o que pensa seriamente. Mas ao mesmo tempo, ao perceber que estas palavras não correspondem ao sentimento do povo, tenta escondê-las.

As razões da obstinada reação patronal

A classe operária possui razões de sobra para lutar pela redução da jornada de trabalho. Por um lado, suavizará as condições de trabalho, terá maior tempo livre para se dedicar à família, ao lazer e ao desenvolvimento espiritual — profissional, cultural, sindical, político, etc.

Por outro, particularmente nas condições atuais, é um meio de garantir mais empregos. O Dieese calcula que, somente na região metalúrgica do ABC, a jornada de 40 horas abrirá 20 mil novas vagas para os trabalhadores.

Quando se considera o flagelo que representa o desemprego para os brasileiros e o número impressionante dos que não têm onde trabalhar no Brasil, salta aos olhos a justiça desta reivindicação. E chega a parecer surpreendente a atitude intransigente, e quando pode feroz, do patronato diante de tão nobre postulação.

Para compreendê-la, contudo, basta que se atente um pouco para o significado do trabalho dentro do sistema capitalista. Nele, o tempo de trabalho se divide no que Marx chama de *necessário e excedente*. Na jornada que cumpre na fábrica, o operário produz um valor equivalente ao que recebe na forma de salário (*trabalho necessário*) e, ainda, um valor *excedente* que é apropriado pelo capitalista, a mais-valia. Ao capitalista, naturalmente, interessa ampliar essa última parte; para ele, a produção só tem sentido como produção de mais-valia. Exemplo disso é o uso que fazem da rebaixa dos salários — com o aumento do desemprego esse expediente torna-se mais fácil, uma vez que cresce a concorrência entre os trabalhadores. Foi o que ocorreu no Brasil entre 1981 e 1984.

De certa forma, todo o conteúdo econômico da luta entre o capital e o trabalho se resume em determinar como vai ser a partilha da jornada, a relação entre o *trabalho necessário* e o *trabalho excedente*.

REDUÇÃO DA JORNADA

E é nisso que a luta pela redução

da jornada mexe. Considerando o exemplo hipotético de que numa jornada semanal de 48 horas a taxa de mais-valia (razão entre o *trabalho excedente* e o *trabalho necessário*) seja de 100%, o tempo de *trabalho excedente* é de 24 horas por semana. Reduzida esta jornada para 40 horas, permanecendo invariável o salário e supondo também que se mantenha em 24 horas o tempo de *trabalho necessário*, o número de horas que excedem o *trabalho necessário* passa a ser, então, de 16, caindo a taxa de mais-valia para 66,6%. Aumenta o valor do salário por hora em prejuízo do lucro embolsado pelo capitalista.

Isso explica o horror do capital. Mas, de qualquer forma, as coisas não funcionam com tanta simplicidade. A jornada mexe no que Marx chama de mais-valia *absoluta*, que gira exclusivamente em torno do tempo de trabalho. O sistema capitalista tornou-se pródigo em extrair a denominada mais-valia *relativa* — fazendo variar a produtividade e a intensidade do trabalho revolucionando os processos técnicos e introduzindo formas de obrigar o trabalhador a fazer mais esforços no mesmo tempo de trabalho — de que um exemplo foi a criação no início do século e posterior desenvolvimento do *sistema Taylor*.

Numa economia monopolizada como a do imperialismo, a produtividade consequente do desenvolvimento tecnológico e científico não se reparte de uma forma homogênea por todos os ramos de produção, disso se beneficiando — com frequência e maior constância — os grandes grupos com a prática de preços artificiais e monopolistas, acima do valor real.

NO SOCIALISMO

A luta pela redução da jornada de trabalho, apesar da grande importância que assume, enquanto subsistir o sistema capitalista de produção, não é capaz de eliminar a chaga do desemprego. O avanço da ciência e da técnica atua neste siste-

ma como meio de engrossar cada vez mais as fileiras dos sem trabalho, como mostra a realidade de muitos países.

Só no socialismo é possível, a um mesmo tempo, eliminar o desemprego e reduzir a jornada, pois cessa a necessidade de realizar o *trabalho excedente* na forma da mais-valia. "A eliminação da forma capitalista de produção permite limitar a jornada de trabalho ao *trabalho necessário*", afirma Marx. De fato, no socialismo todo o trabalho reverte em benefício dos trabalhadores. Uma parte diretamente, sob a forma de remuneração de acordo com o tempo de trabalho. Outra parte constitui um fundo social de reserva e acumulação, que retorna ao operário na forma de benefícios — saúde, educação, segurança, etc. Por exemplo, na Albânia Socialista a saúde e o ensino são gratuitos, o aluguel corresponde ao valor de um dia e meio de qualquer trabalhador e há inúmeras outras vantagens garantidas pelo Estado operário.

Nas novas relações que se estabelecem entre os homens no processo de produção socialista as inovações técnicas possibilitam o aumento da produção, a redução das horas de trabalho, e ao mesmo tempo melhor atendimento das aspirações sociais. Ao invés de crises, superprodução e desemprego, o desenvolvimento tecnológico serve para reduzir a jornada de trabalho — o que, por sinal, constitui um objetivo permanente do novo sistema: "Seria errôneo supor que se pode alcançar um desenvolvimento cultural tão elevado dos membros da sociedade sem sérias mudanças no atual estado de trabalho. Para isso é necessário, antes de tudo, reduzir a jornada de trabalho, pelo menos para seis horas, e mais adiante a cinco. Isto é necessário para que todos os membros da sociedade disponham de tempo livre suficiente para adquirir uma instrução universal", observou Stálin em 1952, ao falar sobre o ascenso cultural de toda a sociedade como condição para passar do socialismo ao comunismo.



Motoristas e cobradores aprovam em assembléia a greve dia 2

Motoristas falam em parar goiânia na semana que vem

Motoristas, cobradores e funcionários das empresas de transporte coletivo de Goiânia poderão entrar em greve a partir de 2 de maio, caso os patrões não atendam as suas reivindicações. Essa disposição foi manifestada por mais de 1.300 trabalhadores nas assembléias do último dia 20, na sede do Sindicato. A categoria reivindica complementação salarial de 50%, além do total cumprimento da convenção coletiva do trabalho.

É grande a revolta da categoria contra a opressão nas empresas. Para um motorista, há dois anos na Reunidas, “as empresas até parecem quartel. Nós temos de pagar por peças quando o carro quebra e até quando não quebra. Ela não forne-

ce uniforme e ainda exige que o cabelo esteja cortado baixo”. Também existe o desrespeito aos direitos trabalhistas. Na Araguaína, afirma um funcionário, “tem gente que trabalha há três anos e nunca teve férias”.

Durante a assembléia do dia 20, os trabalhadores aprovaram uma comissão, formada por três representantes de cada empresa, que irá negociar com os patrões, juntamente com a diretoria do Sindicato. E no próximo sábado, dia 27, será feita a assembléia decisiva. “Se a resposta dos patrões não atender as aspirações dos trabalhadores, toda a categoria irá à greve”, garante Sebastião da Paz, liderança de base dos rodoviários. (da sucursal)

Metalúrgicos obtêm vitórias na luta salarial em Goiás

No último dia 22, encerrou-se a campanha salarial dos 10 mil metalúrgicos goianos, que chegaram a um acordo salarial razoável com a Federação das Indústrias do Estado de Goiás. Um balanço da luta mostrou um grande avanço na organização e no nível de consciência da categoria. Por outro lado, deixou patente a truculência com que os patrões agem quando se trata de defender os seus interesses de classe. Pelo menos três operários — um da Metalson e dois da Cical — foram demitidos sumariamente apenas porque participaram das assembléias no Sindicato.

Do ponto de vista salarial, os metalúrgicos conquistaram aumentos superiores ao INPC. Toda a categoria terá 2,5% de aumento real como reposição salarial e mais 2% de produtividade. Não se conseguiu assegurar, no entanto, a redução da jornada de trabalho e a trimestralidade.

Esta foi a primeira vez que a categoria realizou uma boa mobilização na luta salarial. As assembléias contaram em média com 500 operários, o que é um número significativo tendo em conta a sua dispersão. (da sucursal)



Numa ampla manifestação, foi fundada a UJS de Sergipe

Jovens sergipanos fundam a UJS num ato com 500 pessoas

Na presença de aproximadamente 500 jovens, foi lançada no último dia 21, em Aracaju, a Coordenação Estadual da União da Juventude Socialista de Sergipe. O acontecimento contou com a participação de um grande número de artistas do Estado, representantes dos partidos políticos, dirigentes sindicais e de entidades estudantis, e do Coordenador Nacional da UJS, Aldo Rebelo.

Lula Ribeiro, Joesia Ramos, Jimmy, Chico Quiroga, Dodora, Simone e Tonho Baixinho, além de uma academia de Capoeira, fize-

ram um entusiasmado show, bastante aplaudido pelos jovens presentes.

Falando em nome da Coordenação eleita, Tânia Soares disse que “a UJS continuará promovendo atividades desportivas e culturais e organizando a juventude sergipana na luta por seus direitos”. Encerrando o encontro, o Coordenador Nacional da UJS, Aldo Rebelo, afirmou que “só a organização de amplos contingentes da juventude brasileira pode alimentar de esperança a luta pela liberdade e pelo socialismo”.

Metalúrgicos do ABC e interior mantêm greve

Após suspenderem a greve por dois dias, numa homenagem póstuma a Tancredo Neves, os 110 mil metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, no ABC paulista, reiniciaram a “operação vaca brava” na quinta-feira, dia 25. Com a retomada do movimento grevista, os operários estão utilizando várias táticas de luta, conforme a situação específica de cada empresa, para obrigar os patrões a concederem suas reivindicações, onde se destaca a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais.

A decisão de suspender a paralisação foi tomada na segunda-feira, por indicação da Comissão de Mobilização e da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos. Conforme foi destacado na assembléia de quarta-feira à noite, no Paço Municipal, “esta deliberação foi tomada em respeito ao falecimento do presidente da República e ganhou o respeito do conjunto da opinião pública nacional”. Agora os metalúrgicos retomam o movimento com mais força e maior apoio da sociedade.

GREVE NO INTERIOR

Já nas demais cidades do interior, que também iniciaram a greve no último dia 11, a paralisação não foi suspensa. Também não houve recuo das Tropas de Choque da PM, que permaneceram nas portas das principais empresas de Santo André e São Caetano, acompanhando a paralisação. Nestas duas bases sindicais prosseguiram as negociações entre os trabalhadores e as empresas isoladas. O número de acordos feitos sem a intermediação

da Fiesp (órgão patronal) já chegou a 37, envolvendo 12.922 operários. A maioria prevê reajustes a base do INPC integral, trimestralidade, 5% de aumento real e redução da jornada para 45 horas, por etapas.

Na base de Campinas, com 45 mil metalúrgicos em 1900 empresas, o movimento também prosseguiu e várias firmas pequenas procuraram o Sindicato para negociar. A maior vitória dos grevistas foi o acordo em separado feito com a Singer, indústria de grande porte, que rompeu o cerco da Fiesp. Em São José dos Campos, com 30 mil operários na base, foi mantida a “operação vaca brava”, com os metalúrgicos entrando na firma, batendo o cartão de ponto e acampando nos pátios das empresas.

Também na região de Taubaté a paralisação foi mantida, com os operários realizando piquetes e ficando fora das fábricas. Alguns metalúrgicos sugeriram, na assembléia de segunda-feira, suspender o movimento, em homenagem a Tancredo Neves. Mas a maioria preferiu mantê-lo, temendo represálias dos patrões e a desmobilização da categoria. Neste período cinco empresas fizeram acordo em separado, entre elas a Daruma. Nesta empresa, que fabrica telefones, destacou-se a combatividade das mulheres. Além de paralisar a firma, elas fizeram piquetes e pararam a Villares de Pindamonhangaba. Na assembléia, com 15 mil presentes, várias operárias denunciaram a exploração e humilhação que sofrem diariamente as mulheres.



Governo “Socialista” promove ocupação militar do metrô carioca

Metroviários suspendem greve mas ficam alertas

Os metroviários do Rio decidiram, em assembléia dia 22, suspender a greve que realizaram por 12 dias. Tomaram esta decisão em homenagem ao presidente Tancredo Neves. Manteve-se o estado de greve, e uma nova assembléia foi marcada para o dia 2 de maio.

A assembléia teve início com um minuto de silêncio pela morte do presidente da República e foi encerrada com o Hino Nacional cantado por todos os presentes, de mãos dadas. Foram denunciadas as manobras repressivas do governo estadual, que cercava as estações com soldados da PM.

No dia seguinte, quando retornaram ao trabalho, os metroviários se separaram com uma verdadeira “intervenção branca” na empresa. Todas as áreas do metrô estavam com policiamento ostensivo. Tropas de choque da Polícia Militar se instalaram dentro das estações e uma guarnição da Radiopatrulha estacionou no pátio do Centro de Controle Operacional. O gover-

no estadual, substituiu os chefes do Corpo de Segurança da Operação e do Setor de Vigilância do Patrimônio por oficiais da PM.

O presidente da Companhia está colaborando com as medidas repressivas e já se declarou disposto a destituir o diretor de Operações, eleito pela categoria, porque se negou a reprimir a greve.

A direção do Sindicato dos Metroviários conduziu o movimento de maneira estreita, o que facilitou o trabalho de “queimação” da greve pela grande imprensa. Não se buscou alianças com outros sindicatos, e o apoio efetivo ficou restrito à área de influência do PT e da CUT, com algumas exceções. A colocação de bandeiras de luta mais amplas e a busca de alianças foram iniciadas com atraso. Entretanto a categoria manteve-se unida. Considerando, na sua maioria, a greve válida, pois despertou a discussão pública para os problemas do metrô e elevou o nível político da categoria. (da sucursal)

Rurais do Pará fazem congresso e pedem mudanças

De 19 a 21 de abril foi realizado o I Congresso dos Trabalhadores Rurais do Pará, com a participação de 1.400 delegados, a maioria posseiros que enfrentam a violência dos latifundiários. Vários trabalhadores viajaram mais de 1.000 Km para participar do encontro, e não foi maior o número de delegados devido ao péssimo estado das estradas.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Capim, Antônio, dirigiu a abertura do Congresso, que contou com a participação de autoridades governamentais, deputados, lideranças sindicais, inclusive o secretário-geral da Contag.

As denúncias de violências cometidas por pistoleiros e policiais, feitas por um grande número de oradores, receberam os mais calorosos aplausos, tendo sido aprovada uma moção exigindo o afastamento do secretário de Segurança do Estado e do comandante da Polícia Militar. Os trabalhadores querem prisão de pistoleiros e mandantes, fim da brutalidade policial, desapropriação das áreas em conflito, titulação das terras que ocupam, extinção do Getat e Gebam. Querem também a decretação de inconstitucionalidade do decreto 1164, através do qual o governo federal se apropriou da maior parte das terras do Estado, distribuindo-as a latifundiários e grandes empresas.

O governador Jader Barbalho, que apoiou a realização do Congresso, compareceu no segundo dia aos trabalhos. Representantes dos trabalhadores se pronunciaram durante sua permanência. Criticaram com contundência a ação da polícia e dos pistoleiros, destacando que eles votaram na oposição na esperança de que o novo governo atendesse suas necessidades. O governador manifestou-se disposto a ouvir e considerar as reivindicações do homem do campo, incentivando-os à prática democrática do debate dos problemas, e juntos encaminharem as soluções necessárias.

O Congresso manifestou seu apoio ao presidente José Sarney, para garantir a consolidação do processo democrático. Manifestou-se pela suspensão do pagamento da dívida externa até que a nação se pronuncie, a remoção do entulho do arbítrio e a convocação da Assembléia Constituinte livre e soberana em 1986. A reforma agrária, com o fim do latifúndio, foi aprovada por unanimidade. Constatou-se, ainda, que a previdência social

Contag rumo ao 4º Congresso



Em decorrência das homenagens a Tancredo Neves, a Tribuna Operária deixa de publicar nesta edição os artigos preparatórios do 4º Congresso da Contag. Na primeira matéria da série, no número 212, a TO abordou a importância do Congresso e entrevistou o presidente da Contag. No número seguinte, analisou a situação agrária e a política agrícola dos generais. No próximo número, tratará dos órgãos e projetos do regime militar.

não existe para o trabalhador rural, e deve ser conquistada.

A dra. Josefina Silva, indicada pelos trabalhadores urbanos e rurais para a Delegacia Regional do Trabalho, saudou o encontro. O dr. Benedito Monteiro e o deputado estadual Paulo Fonteles, pessoas ligadas à luta dos camponeses, foram calorosamente aplaudidos. O deputado Fonteles apresentou ao Congresso o mais antigo dirigente comunista, José Duarte. Ronald Freitas representou o PC do B na sessão de abertura dos trabalhos, prestigiada por todos os partidos políticos do Estado. O secretário da Justiça, Itair Silva, e o procurador-geral do Estado, dr. Andrade, foram algumas das autoridades presentes.

Embora sem a participação da Federação Estadual e de algumas correntes que atuam no sindicalismo rural — como CUT e CPT —, o Congresso foi um marco na atuação organizada dos camponeses do Pará. (da sucursal)



Mais de 90 dirigentes e ativistas sindicais participaram da fundação do CES

Sindicalistas paulistas criam centro de estudos

Com a presença de mais de 90 dirigentes e ativistas sindicais, representando cerca de 30 entidades de trabalhadores urbanos e rurais do Estado de São Paulo, foi fundado, no último dia 21, na sede do Sindicato dos Têxteis da capital paulista, o Centro de Estudos Sindicais (CES). Na oportunidade, foram lidos e aprovados os estatutos e a Carta de Princípios do novo organismo de assessoria e estudos. Também foi eleita a diretoria e o conselho consultivo do CES, com 34 sindicalistas.

Conforme destacou Eustáquio Vital, segundo secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, eleito para a presidência do CES, “a entidade nasce no momento certo, num período de maiores liberdades e em que a luta se tornará mais complexa. Essa nova fase do país exigirá do movimento sindical estudo, melhor formação, análise aprofundada. É para nos auxiliar nessa tarefa que surge o Centro de Estudos Sindicais”.

O deputado operário, Aurélio Pires, também abordou esse aspecto. A organização não pode

mais se utilizar apenas da repressão policial, ditatorial. Ela vai se aparelhar para enganar os trabalhadores. Os Sindicatos terão de se contrapor a essa ofensiva ideológica, realizando um trabalho mais planejado e científico junto as suas bases”.

Como enfatiza sua Carta de Princípios, o CES tem como “principal intento contribuir para municiar o movimento sindical nessa nova fase da vida política do país”. Com esse objetivo, já vem promovendo cursos sobre o sindicalismo no Brasil e última a divulgação do Gibi da Constituinte. Além disso, editará boletins de análise sindical e fará um levantamento sobre o sindicalismo no Estado. Também prestará assessoria de imprensa e constituirá comissões de advogados e médicos do trabalho para auxiliar as entidades sindicais necessitadas.

A nova entidade, fundada numa assembléia bastante representativa e tendo na sua direção respeitados dirigentes sindicais, está aberta à contribuição e pronta para prestar serviços. Morar: Rua Major Quedinho, 300, sala 15, centro da capital paulista. Fone: 37-7500.



Posseiros urbanos ocupam terreno em Rio Branco, Acre

Dezenas de posseiros, homens e mulheres, invadiram, no último dia 13 de abril, uma área de aproximadamente 80 hectares ao lado da Cerâmica Flor de Maio, no bairro da Estação Experimental, com o objetivo de construir suas moradias. Comunicada acerca da invasão, a Associação de Moradores tentou uma solução pacífica entre proprietários, posseiros e prefeitura. Apesar disso o representante do proprietário, Sr. Vagner, ameaçou os posseiros, afirmando que, “se não desocuparem a terra, vai haver tiro-teio”, deixando muita gente revoltada.

Segundo Ernesto Avelino, um dos posseiros, “o terreno está abandonado há mais de 10 anos, sem produzir uma espiga de milho”. Dona Irene Zacarias da Silva, que mora com seus três filhos e o marido num quarto de 4 x 3 metros na rua Isaura Parente também reclama da situação: “Pagamos Cr\$ 55 mil de aluguel por mês e agora o jeito é ocupar este terreno abandonado pois o salário não dá mais”. Outra posseira, D^a Maria Oliveira da Silva, residente na rua Princesa Isabel s/n, mãe de 6 filhos, 5 na escola, salário de Cr\$ 300 mil por mês agrega:

“Mesmo pagando Cr\$ 55 mil de aluguel do barraco, para conseguirmos o sanitário foi necessária uma greve dos moradores. Agora, acho que vamos conseguir o terreno com muita luta e a união de todos os necessitados”.

A luta pela posse da terra prossegue. Numa reunião com os posseiros, Antônio Pinto, vice-presidente da Associação dos Moradores da Estação Experimental, arrancou aplausos ao declarar que “o governo Nabor Júnior foi eleito pelo povo, portanto tem a obrigação de resolver os problemas dos posseiros”.

A Associação lançou uma “Nota à Imprensa sobre a questão, considerando que “100 famílias, na ânsia de conquistar um teto para morar, invadiram um terreno”. E vem de público “pedir intervenção das autoridades constituídas no sentido de resolver o problema da posse da terra evitando a repressão e a violência policial sobre pessoas humildes e indefesas”. Sugere que as autoridades desapropriem a área ou desloquem os posseiros para um local em que não haja litígio. (amigos da TO na Estação Experimental — Rio Branco, Acre)

Lavrador tem sua casa incendiada no Araguaia

Em 17 de novembro de 1984 um elemento foi à casa de um lavrador e colocou fogo deixando tudo às cinzas. É comum na região a existência de moradia coberta de folhas de palmeiras.

Somente agora em março descobrimos quem foi o autor. Fomos duas vezes lá com o delegado de polícia e não deu resultado; parece que ele se vende. Fomos com o senhor juiz desta comarca, a mesma coisa.

O prefeito municipal, juntamente

com o vice-prefeito, que são Orlando Mendonça de Lima e José Mendonça Leão e mais um vereador que não sabemos o nome, ambos do PMDB, também não resolveram a questão.

Alertamos os deputados estaduais e federais eleitos pelo povo e ao ministro da Justiça: não queremos ajuda, queremos justiça.

Vamos lutar até a última gota de sangue e suor. (P.S. - Araguaia, Pará)

Policiais torturam ancião e seu genro em Cuiabá

No dia 13 de abril, sábado, às 19h30m, na Borracharia Tijucal, no Conjunto Habitacional do Tijucal em Cuiabá - Mato Grosso, se encontravam três pessoas amigas da Borracharia e um freguês. Apareceu um rapaz solicitando conversa com uma das pessoas, o Sr. Sebastião Pereira da Silva, de 61 anos, cego de um dos olhos. O Sr. Sebastião saiu da loja e foi para o outro lado da rua. Pediram-lhe documentos afirmando serem policiais (no caso um deles foi à Borracharia e o outro ficou esperando mas os dois estavam à paisana). Uma das pessoas da Borracharia alertou que estavam mexendo nos bolsos do ancião. Prontamente o Sr. Limírio Enéias de Moura Neto, genro do ancião e dono da Borracharia, dirigiu-se ao local, “Chegando lá - relata ele - os dois afirmaram serem policiais, começaram a espancar a mim e o velho, sob ameaça de revólveres”. Consta que foram disparados dois tiros. Mas que não atingiram o alvo já que o Sr. Limírio conseguiu fugir. O velho

continuou sendo espancado com socos e pontapés. Em seguida ele foi arrastado por 200 metros. O pesadelo continuou até que os dois policiais foram detidos pela patrulhinha (sara),

As duas vítimas foram ao pronto-socorro de Cuiabá onde foram medicadas. Em seguida dirigiram-se para a Delegacia Central de Cuiabá pra registrar queixa. Os dois policiais foram detidos. São eles: os investigadores Antônio Tadeu Medeiros e Jodivaldo F. da Costa da Delegacia Distrital de Coxipo, Cuiabá.

Na Delegacia ambos ameaçaram o Sr. Limírio de morte. Diante do fato nós, da Associação de Moradores de Tijucal, decidimos fazer uma moção de repúdio e exigir condições de segurança para os moradores de nosso bairro. Vamos à OAB, à Associação de Defesa dos Direitos Humanos de Cuiabá e à Femab. (Associação de Moradores do Tijucal - Cuiabá, Mato Grosso)



Standard carioca já tem comissão de fábrica

Companheiros da Standard: as nossas pequenas vitórias frente ao poder capitalista representam mais um grande passo na luta geral de todo o proletariado brasileiro.

A história de nossas lutas, através dos anos, é feita de pequenas vitórias e derrotas, onde os erros foram reconhecidos e superados. Devemos aprender na luta a enfrentar o poder do capital.

Ao criar uma comissão de fábrica, os operários da Standard estão avançando mais uma vez na direção de um novo tipo de organização do movimento sindical. Hoje o nosso dever é fortalecer e desenvolver o

trabalho de base da comissão de fábrica. Ficar alerta para os desvios que possam acontecer, criticá-los e superá-los dentro do trabalho. Criar comitês nos setores, que mantenham a mobilização constante dos trabalhadores. Mostrar a todos a necessidade de manter forte, livre e independente o trabalho da comissão.

Só nós, operários, podemos decidir o destino e o rumo da nossa comissão, de nosso Sindicato e de toda a classe operária.

Unidos somos fortes. (leitores da Tribuna Operária da Standard - Rio de Janeiro, RJ)

Sindicalistas preparam 1.º de Maio em S. Luís

Desde a segunda quinzena de março que as federações e os sindicatos de São Luís começaram a fazer os preparativos para o 1.º de Maio.

Agindo unitariamente, as organizações sindicais decidiram realizar neste Primeiro de Maio um ato público na praça Deodoro com a participação dos sindicatos, das uniões de moradores, das entidades estudantis e dos partidos políticos.

Importante foi a decisão dos sindicatos de rejeitarem a proposta da DRT-MA de fazerem um 1.º de Maio sobre a sua tutela, promoveu festa e distribuição de brinquedos. O pronunciamento da grande maioria de dirigentes sindicais foi no

sentido de que o 1.º de Maio na Nova República deve ser um dia de luta para consolidar e ampliar as conquistas democráticas em nosso país.

A luta pela reforma agrária, pela Constituinte Livre e Soberana, pela semana de 40 horas e pelo fim do desemprego é a base onde se unificam as diversas tendências que atuam no movimento sindical no Estado do Maranhão.

Grande é a disposição dos sindicalistas no sentido de realizar um grande ato público onde os trabalhadores façam suas denúncias e reivindicações como contribuição nossa à consolidação democrática em nosso país. (a comissão organizadora - São Luís, Maranhão)

Funcionários da Universidade de Ouro Preto passam fome

Escrevo a este jornal para dizer que está acontecendo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) uma discriminação muito grande. Os nossos salários estão aquém do custo de vida.

Nós, funcionários, não temos um órgão que nos represente. A Associação dos funcionários da UFOP, deveria ser este órgão, mas se omite por ter uma diretoria comprometida com a Universidade. Por que brigar se o salário deles é bom?

Eles comem carne e têm até leite e

preferem omitir o artigo 3 do Estatuto que diz que a Associação se compromete em defender o associado individual e coletivamente junto a universidade sempre que for necessário.

Quando alguém reclama els alegam crise, mas será que só nós é que temos de pagar por ela?

Este abuso só terá fim com a classe operária no poder. (um funcionário da UFOP — Belo Horizonte, Minas Gerais)



800 estudantes debatem seus problemas no RG do Norte

Aproximadamente 800 estudantes reuniram-se de 29 de 31 de março na cidade de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, num encontro promovido por diversos centros cívicos e associação de jovens da região. Entre os presentes, 550 vieram de 18 cidades do oeste do Estado.

O tema central dos debates realizados foi “juventude, educação e democracia”. Mas também foram discutidos o “Movimento estudantil ontem e hoje”; juventude e realidade social; “Questão sexual, cultura e drogas”; “o novo governo e a Constituinte”; “Escola e democracia” e “A libertação da mulher”.

Foi grande a participação nas discussões. Destacaram-se as muitas perguntas sobre a crise da educação e a situação das escolas, dirigidas ao professor Hélio Xavier, secretário estadual para Educação e Cultura. Os jovens mostraram-se também curiosos sobre a situação política do país, a legalidade para os partidos contrangidos a clandestinidade, os problemas culturais da sociedade atual, dando uma clara demonstração de que a juventude interiorana não será indiferente em relação ao momento de mudanças por que passa a

nação.

O encontro só foi realizado graças à grande contribuição da comunidade da Augusto Severo, que doou alimentos e emprestou casas desocupadas para servirem de alojamentos aos estudantes. Também cabe ressaltar as colaborações da Secretaria Estadual de Educação e Cultural, da Igreja e dos professores de Augusto Severo, bem como das diversas prefeituras que arranjaram ônibus para transportar as delegações.

O encontro foi uma iniciativa pioneira no Estado, que aproximou os vários centros cívicos e incentivou a formação de novos. Divulgou amplamente na região a necessidade de a juventude se organizar e serviu também para um contato direto dos estudantes e com o secretário de Educação, que ouviu denúncias de autoritarismo dentro das escolas e se comprometeu com a resolução de vários problemas. O encontro aprovou moções de apoio à greve dos professores estaduais e à legalidade para todos os partidos políticos. Ficou patente também o apoio de todos à realização de uma Assembleia Constituinte livre e soberana. (tempo de apoio à TO “Manoel Torquato” — Mossoró, RN)



fala o POVO

A migo leitor: o Fala o Povo está à sua disposição. Aqui você tem espaço para denunciar a opressão e os problemas que enfrenta, dar a sua opinião sobre os acontecimentos em curso no país. Ocupe seu espaço! Faça do Fala o Povo a sua seção de notícias, seu jornal dentro de um jornal. Esperamos por você. (Olivia Rangel)

Que todos possam cantar em teu seio ó, liberdade

Eu, na condição de brasileiro, que vivo na tão falada pátria amada, sofro com seus problemas e sonho com uma nova República, desejo soltar meu sorriso e que os brasileiros possam encher as ruas e comemorar: que chegou um novo dia, que voltaram as flores, que chega de opressão, de fome e de tantos poderes.

Que todos possam cantar, em teu seio, ó liberdade! (R.F.A. - Rio de Janeiro, RJ)

Moradores do Marco, em Belém, vive muito mal

Os moradores da Travessa Estrela, no bairro do Marco, em Belém do Pará, estão sofrendo muito com as péssimas condições de vida no local. Enfrentam muitos problemas, sendo que o maior é a falta d'água, que há quatro anos aflige a todos.

Para seus afazeres, eles precisam usar dois poços artesanais na Travessa e são obrigados a carregar água em latas, passando sobre uma ponte, arriscando cair e quebrar uma perna.

O governador do Estado, Jader Barbalho, já foi informado do problema e prometeu solucioná-lo, segundo dona Raimunda, do Centro Comunitário União de Todos. Mas já se passaram nove meses desde a audiência que os moradores tiveram com ele e até hoje nada foi resolvido.

Na Escola Comunitária da Travessa Estrela estudam 150 crianças em condições precárias. Um diretor da Companhia de Saneamento do Pará (Cosampa) disse a uma comissão de moradores do bairro que a empresa não possui verbas para encaminhar o projeto de abastecer o bairro de água, já elaborado.

Cansados de promessas e de esperar uma solução por parte dos órgãos responsáveis, os moradores realizaram no último dia 10 em frente ao Palácio Lauro Sodré, do governo estadual, um ato público. Na ocasião tentaram mas não conseguiram falar nem com o governador nem com o vice. Foram atendidos pelo chefe de gabinete da Secretaria de Justiça, que afirmou que o problema era falta de mão-de-obra para tocar a obra. As negociações com o governo continuam e os moradores vão continuar lutando e promovem voltar em passeata até o Palácio do Governo se não forem atendidos, conforme diz dona Raimunda. (um amigo da TO em Belém do Pará)

O Sindicato é também uma casa do trabalhador

A situação dos assalariados no Brasil, hoje, é de calamidade, isto porque a inflação aumenta 10% ao mês. Assim, a cada cinco meses, o assalariado que recebe Cr\$ 200.000, perde Cr\$ 100.000. É preciso saber que a ditadura caiu mas é necessária uma grande distribuição de terras, com o direito de cultivar as mesmas só com alimentos, e que o próprio Estado promovia as vendas nas cidades.

Nós devemos ter o maior cuidado com os pilantras que costumam dizer que o povo é carneiro e que se deixa matar de fome. Quem derrubou a ditadura foi o povo mobilizado pelos partidos da oposição. É preciso ter confiança no povo. Fazendo o contrário, estamos ajudando o inimigo dos trabalhadores, que usa muitas táticas para nos desmoralizar. O inimigo não quer povo na rua, não gosta de reuniões, gosta de passear nas praias e dizer que está trabalhando para os trabalhadores. Nós, que conhecemos o pau pela casca, devemos ter cuidado com o inimigo, não formando grupos radicais, distanciados das massas.

O trabalhador tem de ir para o sindicato, mesmo que perca como ocorreu em Ribeirão, entre os bancários e comerciantes. Mesmo assim, lá que é seu lugar, trabalhador. (CP - Ribeirão Preto, São Paulo)

1.º Encontro de documentação e Memória Fundação Maurício Gracioso



Participe da Campanha da Princípios

A Editora Anita Garibaldi está lançando uma campanha de venda de assinaturas da revista Princípios, que visa alcançar 10 mil assinaturas em seis meses, a partir de 1º de maio. A Editora pretende intensificar também a venda de seus livros e multiplicar os títulos publicados.

Cada assinatura da Princípios custa Cr\$ 22 mil, e os vendedores receberão 25% de comissão. Procure a Editora Anita Garibaldi, av. Brigadeiro Luís Antônio, 317, sala 43, CEP 01317, São Paulo, ou a sucursal da Tribuna Operária em seu Estado.

Constituinte, feminismo e poesia na Princípios 10

A revista Princípios chega ao seu número 10. Revista teórica, política e

de informação, Princípios firma-se como um importante instrumento de conscientização da classe operária, de difusão dos ideais do marxismo-leninismo, de análise da vida política, econômica, social e cultural. No presente número, João Amazonas, veterano dirigente comunista, analisa o caráter da luta pela Assembleia Constituinte livre e soberana, reivindicação que dá margem à eclosão de um movimento popular e progressista que poderá alcançar envergadura igual ou ainda maior que o das campanhas pelas diretas-já e pela vitória do candidato único das oposições, segundo o autor.

Princípios traz ainda artigos de Paul Eluard, Kalinin, Foto Çami, Ruth Escobar, Sílvia Pimentel, entre outros. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, av. Brigadeiro Luís Antônio, 317, sala 43, São Paulo, CEP 01317, com o envio de cheque nominal no valor de Cr\$ 6 mil. A assinatura da revista, com direito a quatro números, custa Cr\$ 22 mil.

Princípios
Revista teórica, política e de informação
Abril/85 - Cr\$ 8.000

A ATUALIDADE DA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

AVANÇOS DA LUTA DA MULHER

SOBRE A POESIA DE CIRCUNSTÂNCIAS

10

EDITORA ANITA GARIBALDI



O presidente Sarney, Montoro, Ulysses e outras autoridades na abertura do Congresso da UBE

Mais de 600 escritores discutindo o Brasil

Reunindo durante cinco dias mais de 600 congressistas de todo o Brasil, o Congresso Brasileiro de Escritores, realizado no final da última semana em São Paulo, representou um marco histórico na luta da categoria. Na abertura, a presença do presidente José Sarney, assim como de figuras da maior importância do governo federal e do Estado, significou um comprometimento destes com a causa da liberdade de expressão e da defesa da cultura no país.

Os debates aconteceram com a participação de todos, desde aqueles mais consagrados, mais conhecidos até os jovens escritores dos mais longínquos Estados brasileiros. A qualidade das intervenções criticadas por alguns refletiu, entretanto, o resultado de 21 anos de obscurantismo cultural por nós sofrido. Mas mostrou ainda a resistência desenvolvida durante este mesmo tempo por boa parte dos escritores e sua disposição de luta atual

MISÉRIA E ANALFABETISMO

Durante o Congresso, foi opinião geral que o estado de miséria e de analfabetismo em que vive grande parte de nosso povo, é o responsável maior pelo nosso atraso cultural. Por isso, entre as resoluções aprovadas, foi dado especial destaque à necessidade de popularização do saber. Foram sugeridas medidas como o acesso do trabalhador à terra e ao emprego, criação de bibliotecas públicas nas fábricas e conjuntos habitacionais, e mobilização para uma grande campanha de alfabetização no país, em moldes completamente diferentes do Mobral. Só assim, pensam os escritores, o povo poderá ter acesso à arte, à ciência e à literatura.

CAMINHO DEMOCRÁTICO

Como conclusão, os escritores se posicionaram em defesa dos seus direitos e em favor das grandes reivindicações nacionais, como a preservação do caminho democrático, realização de uma Assembleia Nacional Constituinte e direito de expressão e organização política de todos os partidos e segmentos da sociedade brasileira.

(Oswald Barroso)

1945 1985 RUMO A CULTURA DEMOCRÁTICA

Os escritores brasileiros, reunidos em São Paulo, no Congresso de 1985, convocado pela União Brasileira de Escritores, comprometem-se a:

- 1) defender as liberdades democráticas e a manifestação do pensamento em todas as suas formas, sem preconceitos de classe, sexo, ideologia, raça, cor, nacionalidade e religião;
- 2) participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Constituinte;
- 3) propor o livre acesso a toda informação a respeito do cidadão que, a pretexto de controle ou fiscalização do Estado, possa ser anotada, arquivada e utilizada por qualquer autoridade pública;
- 4) propor a reforma da atual Lei de Direito Autoral;
- 5) propor a elaboração de uma nova política cultural, democrática

e aberta, pela qual o Estado incentive e apóie a criação literária, artística, científica e garanta à produção nacional acesso permanente aos meios de comunicação de massa;

- 6) exigir o cumprimento dos preceitos legais referentes à Educação, considerada a sua prioridade;
- 7) exigir dos poderes públicos a defesa e proteção do patrimônio cultural, artístico e ecológico do país;
- 8) defender o acesso do trabalhador à terra e ao emprego;
- 9) reafirmar a posição em defesa da autodeterminação dos povos, da paz entre as nações e do desarmamento nuclear;
- 10) renovar o compromisso de luta pelo prosseguimento do processo democrático do Brasil.

São Paulo, 21 de abril, Dia de Tiradentes.

Em busca do tempo perdido

Tendo realizado o seu primeiro congresso no ano de 1945, em pleno Estado Novo, os escritores que, como todos os brasileiros, sofreram as agruras do regime ditatorial, procuram agora recuperar o tempo perdido. Realizaram um congresso com uma coordenação demasiadamente centralizada, fruto de uma prática democrática ainda diminuta e de uma deficiente estrutura organizativa em plano nacional. Mesmo assim, o Congresso re-

presentou um considerável amadurecimento para a categoria, bem como proporcionou um palpável avanço organizativo. Durante os próprios trabalhos, a prática democrática se ampliou e, no final, a criação de uma comissão, formada por representantes de todos os Estados com a finalidade de dirigir o processo de formação da Federação Nacional de Associações de Escritores, garantiu a continuidade e a ampliação das entidades da categoria.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011).
Telex: 01132133 TLOBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000, Macelo: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro, Telefone 237-6644 - CEP 69000.
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.
Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - CEP 44100.
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600.
Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - CEP 46000.
Juazeiro: Rua América Alves, 6-A - CEP 44060 - Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500.
SALVADOR: Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000.
Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesf) CEP 43700.
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70302.
CEARA - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000.

Tribuna Operária

IGUAÇU: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960.
Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300.
Vitoria: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.
GOIAS - Goiânia: Avenida Goiás, 657 (esquina com a Rua 4), sala 201. Fone: 223-5571. Centro. CEP: 74.000.
Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro. CEP 77.100.
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - centro - CEP 65.000.
MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 224-7605 - CEP 30000.
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.
Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.

PAHÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993. CEP 66000.
PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçada - Centro - CEP 58000.
Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.
PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428. CEP 80000. Fone: 234-7484.
Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar. CEP 86100.
PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000.
PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigarista, 236 - CEP 54500.
Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300.
Recife: Rua Sossego, 221, Boa Vista.
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andrades, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000.
Caxias do Sul: Rua Dal Canale, 1691, 2º andar, fundos. CEP 95100.
Pelotas: Rua Andrada Neves, 1589.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Paste-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorjás, Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) ☐ Cr\$ 100.000
Anual popular (52 edições) ☐ Cr\$ 50.000
Semestral (26 edições) ☐ Cr\$ 50.000
Semestral popular (26 edições) ☐ Cr\$ 25.000
Anual para o exterior (em dólares) ☐ US\$ 70

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____
CIDADE: _____ CEP: _____
ESTADO: _____
PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi, Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Receba em casa a Tribuna Operária fazendo já a sua assinatura!

Tribuna Operária
300 PMs caçam posseiros no Pará

Ofensiva contra esquema

Povo se une na dor e na luta



Uma incalculável massa humana (4 milhões de pessoas, segundo o coronel João Pessoa Nascimento, da PM) saiu às ruas da capital paulista na manhã de segunda-feira, dia 22, para despedir-se de Tancredo Neves. Foi a maior manifestação cívica já vista no Brasil, apesar de arregimentada em menos de 12 horas e sem qualquer tipo de convocação: uma mistura de dor e frustração com determinação de levar até o fim as transformações que Tancredo passou a simbolizar.

É praticamente impossível determinar com precisão o número de participantes, já que eles não se aglomeraram num único local. Uma considerável multidão acompanhou o cortejo fúnebre ao longo dos dez quilômetros entre o Instituto do Coração e o Aeroporto de Congonhas. Houve também concentrações maiores, diante do Incor, no monumento aos combatentes de 1932 e nas proximidades do aeroporto. E em todo o itinerário as calçadas e os prédios se apinhavam de gente.

A atmosfera era comovida, carregada, solene. Aquele mar de pessoas chorava, aplaudia, cantava, gritava palavras de ordem, manifestava de mil e uma formas sua dor e sua decisão de levar até o fim a obra da Nova República — que se despedia do seu protomártir. Soldados da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros — estes encarregados do transporte do esquife — também choravam copiosamente.

"Graças a ele, nós temos um civil na Presidência"

O povo começou a aglomerar-se desde o momento em que a morte de Tancredo foi anunciada, na noite de domingo. À meia-noite, milhares de pessoas se apertavam em frente ao Incor, no ambiente fantástico criado pelos holofotes da televisão. E outras foram chegando ao longo da madrugada — como Valdecir Rocha, mecânico da Cobrasma, residente em Osasco, que desde às 5 horas postou-se em frente ao Instituto do Coração.

Valdecir, como o povo em geral, identifica Tancredo com a esperança de mudanças e com o fim da ditadura militar que tanto penalizou o país. "Esta é uma homenagem justa ao Tancredo — diz. — Ele foi um dos principais responsáveis pela conquista da democracia. Graças à ajuda dele, nós ficamos livres dos militares. Além do homem, que merece toda a nossa estima, estou aqui para dizer que nós continuamos querendo a democracia no país", argumenta, lucidamente, o metalúrgico de 27 anos.

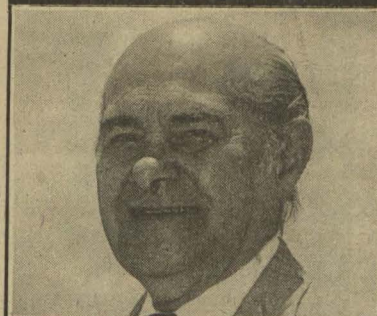
Já os operários José Maria e José Lima de Freitas vieram do distante município de Mauá, no ABC paulista, pegando trem e ônibus. Para José Maria, auxiliar de produção numa metalúrgica de Mauá, "Tancredo representa muito para o povo, para os pobres, para os trabalhadores. Apesar de não ter chegado a exercer a Presidência, ele conseguiu unir o povo, a liderança do país, na conquista da democracia. Graças a ele, hoje nós temos um civil na Presidência. Depois de 21 anos de governos militares, ele representou a mudança, a possibilidade do Brasil ser melhor".

Seu companheiro, José Lima, laminador-vidreiro na multinacional Santa Marina, acrescenta: "Tancredo quer dizer mudança no país... Esperamos que o Sarney entenda isso e promova as mudanças que o Tancredo tanto falou. Ele contará com o auxílio do povo para isso. O povo está unido, é uma multidão junta e não vai aceitar as pressões dos militares".

Realmente, o sentimento que a extraordinária manifestação popular transmitia era em primeiro lugar de unidade. Uma unidade sofrida, com a marca da dor, muitas lágrimas, mas feita também de decisão, de luta, como ficou claro nas palavras de ordem mais gritadas ao longo do trajeto: "O povo unido jamais será vencido!"; Tancredo está na rua, a luta continua!". O Hino Nacional, entoado várias vezes, espontaneamente, com frequência saía com os versos trocados mas a multidão redobrava de energia para proclamar que, "se ergues da Justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme quem te adora a própria morte".

A presença de partidos políticos foi discreta, com amplo predomínio de bandeiras do Brasil e cartazes improvisados espontaneamente por populares, com retratos do presidente desaparecido.

A MORTE DO PRESIDENTE



"Não vamos nos dispersar"

O PMDB confeccionou algumas faixas reproduzindo frases de Tancredo, entre as quais uma que calou particularmente fundo — extraída de seu "Discurso da Vitória", de 15 de janeiro: "Não vamos nos dispersar". Uma grande faixa com uma tarja negra, assinada pelo PC do B, terminou tendo seus dizeres transformados numa das palavras de ordem mais gritadas durante a manifestação: "O povo decidiu, democracia no Brasil. Tancredo está presente".

A programação oficial teve de adaptar-se à força irresistível da multidão, decidida a demonstrar à sua maneira a dor que sofria pela perda de Tancredo. A velocidade prevista para o cortejo, por exemplo, não pôde ser seguida. Como milhares de pessoas se dispuseram a acompanhar a pé o carro do Corpo de Bombeiros que transportava o caixão, freqüentemente um grupo de populares se postava diante do caminhão para obrigá-lo a parar até que o resto do povo pudesse alcançá-lo.

Em outro episódio, um batalhão de centenas de jovens dirigindo motos e bicicletas, vários deles com bandeiras do Brasil, foi barrado pela polícia mas o povo protestou até que a PM abrisse o bloqueio, sob aplausos. O próprio trajeto do cortejo estava inicialmente isolado por um cordão de policiais, mas logo nos primeiros minutos a multidão invadiu a avenida, montando ela própria seu cordão para evitar acidentes. Os carros que conduziam autoridades até o aeroporto fizeram parte do trajeto com os motores desligados, literalmente empurrados pelo povo.

Nesse episódio ocorreu um fato que ilustra a profunda desconfiança em relação aos militares, que tomou conta dos brasileiros após tantos anos de ditadura fardada: alguns populares empurravam um dos automóveis, com um alto oficial da PM em seu interior, quando um dos manifestantes grajeou a aprovação geral à sua roda ao comentar: "Vocês ficam empurrando esse carro e depois vão receber o troco, vão receber porradas nas costas".

"Na Nova República não pode ter violência!"

O mesmo estado de espírito se manifestaria no único incidente ocorrido, no aeroporto, já no final da manifestação. No portão 2, ao deparar com as portas de vidro fechadas para não permitir o acesso à pista, uma parcela dos populares não se conformou. Houve gritos de "Abre, abre!" e "Não à repressão!" e um início de quebra-quebra. Logo tropas da Infraero, Polícia do Exército e Polícia Militar colocaram as pessoas para fora do aeroporto e um oficial da Aeronáutica chegou a sacar a arma e disparar vários tiros, acreditando que provocaria a dispersão. Enganou-se. As pessoas, sem recuar e ainda mais revoltadas, redobram os gritos como "El, el, el, militar no quartel!". Um manifestante exclamou que "na Nova República não pode ter violência".

Outro sintoma da ojeriza popular ao militarismo foi a mudança prudentemente introduzida pelas autoridades que organizaram o cortejo, ao substituir o veículo blindado Urutu, do Exército, por um caminhão do Corpo de Bombeiros, para transportar o esquife. Os acontecimentos que se seguiram em Brasília (veja na página 5) mostrariam que a medida tinha razão de ser.

Eram 11h40m quando o avião conduzindo o corpo de Tancredo decolou rumo a Brasília. Dona Risoleta, que conquistara a admiração geral por seu comportamento corajoso durante a longa agonia de seu marido, despertou um último momento de emoção e entusiasmo na multidão, ao acenar, do alto da escada do *boeing*, como que estimulando os presentes a levar até o fim a obra que o presidente morto mal pudera iniciar.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois